

5 ARRUMANDO OS CABELOS PARA TER BOA APARÊNCIA: CABELO BOM/CABELO RUIM?

Neste capítulo apresento as concepções relacionadas aos cuidados com a estética, com os cabelos e o que me conduziu a utilizar a entrevista como forma de navegar dentro desse universo. Na creche, as auxiliares sempre apontavam a importância das mães cuidarem dos cabelos das meninas. Elas destacavam que é na creche que muitas crianças tomam um banho “caprichado”, com direito à lavagem dos cabelos e a penteados. A auxiliar Karina, que reside na comunidade, sempre ressalta que algumas crianças voltam no dia seguinte com o mesmo penteado que ela fez no horário do banho. O mesmo relato apareceu na entrevista realizada com as novas auxiliares que cuidam dos bebês. Angélica considerou muito importante o cuidado com a higiene das crianças dentro do âmbito familiar. Outro fator de extrema relevância é que muitas vezes a fala se opõe às ações cotidianas. Um dos principais aspectos relaciona-se às crianças brancas ou às negras com o perfil estético branco, que recebem mais “paparicações” do que as crianças com traços africanos.

A criança bonita é aquela que dá um sorriso, qualquer tipo de sorriso, a criança que é risonha, que é feliz, pra mim já é bonita a criança que é feliz, tem criança que já é sofrida e que tem um sofrimento já de casa e já tem aquelas brigas dos pais, aquela coisa, então, beleza, criança bonita pra mim é criança feliz. Tem muitas crianças cabelinho sarará, mas é a coisa mais linda do mundo. Esteticamente, a criança mais feia é a mal cuidada pela mãe que fica com o rosto e com a pele manchada, mas aqui não tem nenhuma que eu acho feia, não. Pode até ter umas assim maltratadas, mas o sorriso dela é lindo, ela dá um sorriso e pronto, te quebra. Com tantos anos que eu trabalho aqui não vejo isso não, pode até ter maltratadas de cuidado, porque às vezes a mãe não cuida e fica cheia de perebas no corpo, de machucadinhos, mas aí não fica uma criança feia, fica uma criança com uma aparência mais ruim. (Angélica, auxiliar).

A entrevista constituiu-se como uma importante ferramenta para o complemento da observação na pesquisa sobre cabelo crespo. Considero que o olhar do observador se complementa com as falas das profissionais e dos pais. Nesse sentido, tenho como foco principal abordar as concepções das mães e das avós, pois, de acordo com a auxiliar Karina, são elas que costumam participar ativamente da criação de seus filhos. E, como é sabido, as mulheres negras enfrentam desde a infância as hostilidades cotidianas vinculadas aos seus cabelos, à sua estética, o que as fazem desejar uma nova imagem. A tensão originada das relações raciais é transmitida para os seus filhos e netos, que desenvolvem um processo de engendramento das ideias de branqueamento. Nessa perspectiva, o negro começa a sua construção enquanto negro, sob as rédeas do outro, que é branco, do outro que é negro e é

ensinado a se construir como branco. Esse quadro é clarificado pelas seguintes palavras de Gomes (2008, p. 130):

O sentimento de negação é um componente do processo identitário do negro brasileiro ao longo da história. Podemos vê-la quando analisamos as relações estabelecidas entre escravos e senhores durante o regime escravista, ou seja, o negro era visto como coisa e mercadoria e, também, nos dias atuais, quando encontramos negros e mestiços que recusam o seu pertencimento étnico-racial, o seu corpo, o seu padrão estético e o seu cabelo, demonstrando incorporação do ideal do branqueamento.

A questão racial é um assunto complexo que percorre o íntimo, as memórias, as concepções de vida do negro. O estudo da temática em uma sala de educação infantil requer a responsabilidade de direcionar as questões da forma mais natural possível. Dessa maneira, a observação é um dos meios utilizados para elaborar um rol de entrevistas que consiga enriquecer a pesquisa, trazendo dados que complementem os estudos na creche.

O contexto de que falo é permeado por mulheres, mães, trabalhadoras que carregam resquícios de sua trajetória. É constante que suas ações sejam munidas pelo seu subjetivo. O conflito racial está presente em todo tempo e atravessa os muros da escola, indo ao encontro da família dessas pessoas. Os discursos em torno do seu próprio corpo e do modo como são cuidados os corpos dos seus filhos atingem suas opiniões acerca de como as crianças da creche são vistas e deveriam ser cuidadas.

O acompanhamento dos bebês permitiu-me também perceber como as mulheres negras se espelham no perfil de mulheres brancas. Os discursos e ações observadas nesse acompanhamento inicial trouxeram à tona o ideal de embranquecimento que conduz em sala o modo como as profissionais se enxergam e veem o outro. Essas falas que circulam no ambiente escolar são provenientes de outros espaços sociais e se esquematizam dentro desse campo por via das práticas dos educadores.

Além disso, o lugar onde passo longas horas é ocupado por assuntos relacionados à beleza e à estética. A professora, por exemplo, sempre comenta que “assumi o meu *black*”. Sua concepção de assumir seus cabelos crespos e afirmar-se enquanto mulher branca é um dos pontos considerados na pesquisa, haja vista que suas atitudes influenciam suas ações dentro de sala. Desse modo, torno visível algumas questões que norteiam a pesquisa sobre relações raciais na pré-escola. Reitero que as ações do grupo anunciam o contexto em que o negro vive em nossa sociedade, trazendo consigo os padrões e as falas que estão presentes no imaginário social.

Se eu falar que não, eu estou mentindo, mas com certeza existe, mas acho que na creche não vejo. Assim, por exemplo, a Fernanda é loira, tem olhos azuis, na favela a maioria é negro, ela nem parece que é daqui. E, também, a gente acaba achando que na favela não existe ninguém igual a ela. (Ruth, auxiliar).

Os olhares sobre o que é racismo, sua existência ou ausência dentro da creche são bastante elucidativos para firmarmos o estudo sobre as representações em torno do cabelo crespo, presentes nas narrativas dos profissionais que educam/cuidam dos bebês. No ponto de vista das entrevistadas está expressa a negação do racismo na escola. Nessa mesma linha, há um discurso em que a auxiliar reconhece a importância de ensinar a criança que ninguém é igual a ninguém, porque dentro disso deve transcorrer a diminuição do preconceito:

O mundo inteiro tem racismo, né? Hoje em dia não é só na escola não, mas assim ainda tem um pouquinho de racismo, mas tá melhorando, fora da escola ainda tem mais, dentro da escola tá melhorando porque os estudos estão mais avançados para ensinar a criança que todo mundo é diferente um do outro e que ninguém é igual a ninguém. Isso diminui o preconceito, mas ainda sofrem. (Angélica, auxiliar).

Torna-se vital tecer dentro do campo o treino para analisar, interpretar o familiar e o exótico que existem no universo estudado. Para isso, busco entender como é visto/cuidado do cabelo crespo no espaço da creche numa sociedade como a nossa, em que prevalece a valorização do padrão estético europeu. Os dados aqui expostos revelam os conceitos de uma auxiliar de creche sobre relações raciais em seu ambiente de trabalho. Analisando o seu discurso, identifiquei aspectos relevantes quando se trata da educação infantil, pois a criança pequena se comporta de acordo com os referenciais recebidos por ela.

Na creche não, porque eles são tão pequenininhos, se tivesse alguma coisa assim que a gente vê mesmo que eles fossem racistas, acho que isso ia vir de casa, toda turma que eu trabalhei nunca vi os agentes tratarem diferente. Acho que as crianças também levam isso, tudo que a gente faz as crianças fazem, se a gente segura na mão de todo mundo elas estão segurando, mas tem umas crianças que não tem muito isso não, mas são pequenas vezes. (Ruth, auxiliar).

No Brasil, a estética que norteava os padrões a serem seguidos era advinda da imagem do branco europeu, seus valores, cultura e religião, colocada como sinônimo de superioridade. Nesse contexto, os traços físicos, como a cor da pele e a textura do cabelo, passam a ser um indicativo de diferenças negativas, oriundas de uma visão pautada no racismo que estigmatizou o negro em relação à sua aparência. O principal alvo do racismo é o corpo, pois nele estão impressos os sinais identitários.

O negro tem suas primeiras experiências com o cabelo crespo muito cedo. Durante a infância, ocorrem os primeiros momentos de intervenção. Segundo Gomes (2008, p. 184):

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas enganase quem pensar que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, pela tia, pela irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra, hoje, uma mulher adulta, como o penteado preferido da infância.

Desse modo, para o negro os cuidados com o corpo são uma forma de romper com os apelidos e os estereótipos negativos. O sentimento de rejeição com os cabelos crespos é vinculado à trajetória da criança negra durante sua infância por meio das falas dos adultos e dos referenciais da cultura dominante. O ingresso da criança negra na escola e em outros círculos sociais a coloca no conflito de aceitação/rejeição vivido pelo negro nas sociedades contemporâneas. Dentro dos espaços sociais, surgem os apelidos e o destaque negativo dado aos seus cabelos crespos. O cabelo é construído no imaginário social como algo que precisa ser manipulado e transformado para ser bonito, sendo uma das formas de se representar o corpo negro de forma negativa. A grande mídia sempre representou o branco como referencial de beleza. Por isso, nos discursos racistas, o cabelo é colocado como símbolo de fealdade e, sobretudo, como algo ruim, em contraposição ao cabelo do branco visto como bom. Sendo assim, a rejeição pelo cabelo crespo é imposta pelos valores negativos dados ao corpo negro, o qual é o principal objeto de escárnio e xingamentos reproduzidos socialmente.

A desvalorização do cabelo crespo e os discursos em torno de uma aparência pensada como feia e ruim são considerados no contexto desta pesquisa como algo que precisa ser analisado, refletido, discutido, tendo em vista que as crianças sofrem precocemente com os apontamentos feitos sobre sua aparência. Nessa perspectiva, o cabelo aparece dentro de um discurso racista, que o classifica como inferior em relação ao cabelo do branco. Em consequência, a intervenção estética através dos alisamentos é uma maneira de escapar da identidade negativa. O alisamento significa um ritual de passagem para um universo em que o cabelo liso é valorizado, pois faz parte da cultura dominante. Dessa forma, as entrevistas possibilitam a reflexão sobre a questão do cabelo no espaço da creche.

O cabelo crespo é uma ligação do negro com a África, sua cultura e ancestralidade. Vale salientar que as manipulações em torno dos cabelos são culturais; os adornos e enfeites fazem parte da cultura africana:

A unidade do imaginário africano se materializa nas manifestações estéticas integradas à vida e à sociedade. Está justamente nessa compreensão de arte o significado de cada penteado africano, fazendo do que é belo um lugar de profundo significado para a ordem, a religião, as organizações sociais e políticas. Para os africanos e afrodescendentes, as artes do corpo são processos que constroem o

amplo e diverso campo da arte, que também é a de uso, de transformação e de experiência cotidiana. (LODY, 2004, p. 75).

No contexto da diáspora, o racismo condicionou a pessoa negra ao mal-estar, na medida em que trata seus traços físicos com desigualdade. Os traços negroides são visibilizados pelo preconceito como ruim. Essa visão social provoca no negro uma aversão à aparência considerada inferior.

As ideologias raciais fazem parte da trajetória de negros e de brancos. Quando há casamentos inter-raciais, a família preocupa-se com os cabelos do bebê. De acordo com Gomes (2008, p. 253), “uns esperam que o cabelo fique crespo para não ‘negar a raça’: vai ficar durinho!”, e outros anseiam que o cabelo do bebê fique liso (ou pelo menos anelado). A expectativa de uma criança com cabelos lisos gira em torno do ideal de beleza socialmente difundido como símbolo de aceitação. A textura do cabelo, os sinais diacríticos do corpo negro são evidências raciais que atribuem ao negro, preferencialmente às mulheres, sentimentos de rejeição. A identidade negra também tem a sua afirmação através do cabelo. A valorização do cabelo afro, do corpo negro é algo que está vinculado a se assumir enquanto negro. Assim, é construída a “beleza negra” em oposição a um contexto social opressor.

5.1 A importância das técnicas do corpo para a compreensão do tema da pesquisa

A linguagem corporal traduz o “estar no mundo”, às sensações e os sentidos que nos localizam dentro de determinado grupo. A pedagogia educacional é responsável pela educação dos corpos, pois somos regidos por hábitos, imitações que moldam o corpo humano, nos ensinando comportamentos e o nosso lugar no mundo. Desde a infância, a criança negra é ensinada a adotar para si a postura do branco europeu. Assim, são impressos no seu corpo o sentimento de inferioridade que o desloca para a busca da beleza e da aceitação social destinadas ao branco. O corpo negro busca compor-se, movimentar-se dentro de uma conjuntura social em que sua cor, seus traços e seus cabelos são vistos/colocados como indesejados. A pedagogia racista imposta ao negro o direciona para a transformação do corpo através dos rituais de mudanças no cabelo. O alisamento simboliza para o negro o começo de um processo de fuga do racismo, pois a educação recebida por ele o ensinou a rejeitar os sinais de sua ancestralidade.

A educação escolar introjeta no indivíduo negro o seu lugar social, enquadrando-o dentro de espaços estabelecidos historicamente como “espaços para negros”, que simbolizam

o controle da ideologia racista. Dessa forma, aprendemos a “ser” ou a “vir a ser” o que nos é determinado. Segundo Mauss (2003, p. 420):

Em toda sociedade, todos sabem e devem saber e aprender o que devem fazer em todas as condições. Naturalmente, a vida social não é isenta de estupidez e de anormalidades. O erro pode ser um princípio. Só recentemente a marinha francesa passou a ensinar os seus marujos a nadar. Mas o princípio é este: exemplo e ordem. Há portanto, uma importante causa sociológica em todos esses fatos.

Nessa conjuntura, são criadas as direções, os costumes que vigoram nas relações raciais presentes na sociedade brasileira. O racismo que se apresenta na educação dos corpos dita as regras de convivência, nutrindo o imaginário social com a ideia de uma supremacia branca. O discurso de integração do negro na construção do Brasil o congela dentro de uma imagem distorcida, fundada para segregar, marginalizar através da feitura de estereótipos do povo negro. A representação contemporânea do corpo negro para o próprio negro e para o branco dá-se no cerne de uma mídia que permanece com os padrões de beleza calcados no braqueamento. O negro, portanto, assimila os padrões de beleza dos não brancos, e se constrói através desses sentidos, formando hábitos corporais pertinentes aos padrões europeus.

Os modelos de beleza e de prestígio são inseridos no subjetivo das crianças que desejam se visualizar também como bonitas. Nessa perspectiva, a divulgação midiática é um mecanismo de disseminação do racismo e de visibilidade deste, pois é possível observar como o preconceito, a ausência de mobilidade social, a representação negativa, a hipersexualização da mulher negra, as falácias em torno do cabelo crespo ainda preponderam socialmente, forjando as relações raciais.

Assim sendo, a educação corporal como técnica emite visões que implicam nas permanências que delimitam para o negro o seu destino social comumente destacado pelos livros didáticos, pelas letras de músicas e filmes como o local da submissão dos corpos. É nesses discursos que se materializa o corpo negro. Desse modo, é lançada ao negro a obsessão por mudanças na estrutura do cabelo crespo, pois se adentra em lutas por autoestima e aceitação. Conforme discorre hooks (2005, p. 4):

Aos olhos de muita gente branca e outras não negras, o *black* parece palha de aço ou casco. As respostas aos estilos de penteados naturais usados por mulheres negras revelam comumente como o nosso cabelo é percebido na cultura branca: não só como feio, mas como atemorizante. Nós tendemos a interiorizar esse medo. O grau como nos sentimos cómodas com o nosso cabelo reflete os nossos sentimentos gerais sobre o nosso corpo.

O negro cresce ouvindo a pergunta: “Qual é o pente que te penteia?” e segue adiante se questionando sobre sua autoimagem, sobre o corpo enclausurado pela dominação branca. A

imitação prestigiosa, a imagem a ser seguida, utilizada, a opressão dos olhares toma contorno e é internalizada. A reação acontece e surge nos anos 2000, através do renascimento do *slogan* “Negro é lindo”, dando lugar a uma pedagogia antirracista.

5.2 A reação do corpo

Dentro do contexto da diáspora está a discussão sobre: quem é negro no Brasil? Nesse cenário, a identidade negra é uma construção social e não passa apenas pelo fenótipo. Ela reúne concepções de uma origem em comum, herança cultural compartilhada, solidariedade, enfim, as posições que o sujeito assume o tornam membro daquela comunidade. Os elementos simbólicos através dos quais afirmamos a identidade de um grupo atuam no acionamento de critérios positivos de identificação dentro de um pertencimento cultural.

Desse modo, é preciso pontuar que as múltiplas identidades que temos não são fixas, tampouco homogêneas. A elaboração da identidade não passa apenas pelo cabelo crespo, mas ressalto, neste estudo, que o uso do cabelo crespo tem um importante papel na quebra de padrões de beleza impostos pela sociedade. Além de ser um elemento de afirmação de tornar-se negro, ele é concebido como um símbolo identitário, pois se constitui como um dos sinais diacríticos. Somos reinventados constantemente e a construção da identidade é um movimento complexo, pois se tira de si, e também de nossas raízes, o que nos traz afirmação ou a negação de determinada identidade.

A(s) identidade(s) é(são) construída(s) dentro da socialização recebemos a todo momento por meio de influências, informações que nos esculpe dentro do processo de criação do que somos. E para o povo negro esse processo se dá no cerne de uma sociedade racista, que o impõe padrões culturais eurocêntricos. As representações sobre a identidade negra estão sendo agregadas em um movimento que dá voz ao corpo negro ao se firmar dentro de outras possibilidades de ser e estar no mundo ao recriarmos referências africanas emitindo assim novos alcances. A essas novas experiências de construções e (des) construções da trajetória histórica do povo negro, assistimos a um movimento de raízes, de cabelo crespo e de voz.

Dentro da perspectiva os anos 2000 apresentam o surgimento de movimentos sociais que, através da internet, buscam valorizar a estética negra. A mídia repercute imagens de atrizes negras que exibem os seus cabelos crespos. Atualmente, vemos mulheres negras unidas em prol da reabilitação do corpo negro por meio da estética como ato político. Esse

processo ocorre, por exemplo, através das oficinas de turbantes⁴¹ que ensinam as mulheres a utilizar o acessório símbolo da cultura negra reinventada na diáspora. Os encontros dos corpos de mulheres negras em busca de autoafirmação dentro da sociedade brasileira constituem-se como um forte arcabouço em oposição ao racismo e à opressão vivenciada.

Passamos a presenciar mulheres e homens negros discutindo questões pertinentes à história e à cultura afro-brasileira, adotando através da coletividade meios de se reeducar as relações raciais. A inferiorização racial, a crise existencial são ressaltadas para ser discutidas. Anunciam-se os discursos sobre a importância do cabelo na construção identitária do negro. A valorização da beleza negra desde a infância é potencializada e cultivada como estratégia educacional para erradicar o racismo e o sentimento de inferioridade do negro. O movimento de consciência corporal, das amarras do racismo e da violência simbólica sofrida gerencia, portanto, as ações em torno do fortalecimento cultural dos elementos africanos, da história que remete à África e das lutas travadas no Brasil.

A reafirmação da cor da pele, dos traços e da ancestralidade remodelam os sentimentos do negro sobre o corpo. A reflexão cria um novo território onde corpos e cabelos crespos transitam para um novo estar no mundo. As revistas, jornais e internet estampam a nova roupagem, a positividade resgatada em ser negro. Nesse contexto, as práticas racistas, o preconceito e a ausência de representação são materializadas, expostas e redimensionadas para dentro do rol de discussões. A criação de políticas de reparação, o reconhecimento do racismo e inserção da mulher negra também como dirigente dessa luta clarifica novos posicionamentos no país.

O apelo à união, o protesto contra o alisamento imposto pela química, pelo ferro quente muito utilizado por nossas avós, mães e tias, culminam no processo de reconstituição da beleza negra, do amor próprio. Atravessamos tempos em que o negro usa o próprio negro como espelho, como modelo de beleza e sucesso. Embora ainda haja uma situação desigual advinda do racismo, encontramos reações expressas no comportamento corporal e na linguagem que esfacelam as imposições culturais.

A colonização do cabelo crespo é reconhecida como exemplo de dominação racista, o que gera abertura para a resposta do corpo aos danos psíquicos causados pela violência dos padrões. A experiência do negro com a questão do cabelo nas recriações culturais o deslocam do lugar de subalternidade, chegando ao lugar da trajetória escrita por novas expressões

⁴¹ Símbolo de cultura e beleza negra, usado na África e por outros povos do Oriente. Na moda, ele também é um símbolo que compõe os trajes das baianas. Disponível em: <www.bahia.ws/turbante-e-religião-moda-cultura>. Acesso em: 12 fev. 2015.

culturais. A politicidade que gira em torno desses novos caminhos recria no espaço educacional as novas lutas travadas na sociedade.

5.3 A educação dos corpos na infância

Em linhas gerais, exponho neste item os primeiros dados coletados no campo. Os elementos apresentados são parte do que se configura como fruto da etnografia feita na creche dentro do espaço do berçário, que tem como meta contribuir para a investigação da questão racial na educação infantil a partir de observações que visam identificar nas práticas pedagógicas como são tratados os marcadores de identidade étnico-racial das crianças negras. O modelo metodológico etnográfico permitiu o relato das experiências iniciais dos bebês negros no âmbito da creche.

Trago aqui os dados das relações entre a equipe do berçário – composta pela professora e duas auxiliares – com os bebês, tendo em vista a investigação sobre cabelo e corpo negro dentro das práticas educativas ocorridas na creche. Ressalto que a educação é contato, afetividade, e na primeira infância, o cuidar e o educar são partes integrantes do desenvolvimento infantil, já que é através das primeiras experiências que a criança constrói sua identidade e autoestima. Nessa perspectiva, é por meio do corpo, do contato, dos gestos e ações que educamos, marcamos e imprimimos as sensações, amparos e questões. No corpo está presente a própria existência do sujeito. O corpo cuidado, afagado, educado é de natureza biológica e cultural, pois nele se encontra a vida e a cultura. Marcel Mauss (2003, p. 405), afirma que:

A noção de educação podia sobrepor-se à noção de imitação. Pois, há crianças, em particular que tem faculdades muito grandes de imitação, outras que as têm bem fracas, mas todas passam pela mesma educação, de sorte o que podemos compreender a sequência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança como o adulto imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem-sucedidos em pessoas em quem confia e que tem autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe ao ato executado à sua frente ou com ele pelos outros.

Os comportamentos são aprendidos socialmente e formam um *habitus*, que compreende as educações, as modas, os próprios comportamentos. As técnicas corporais são transmitidas por meio da educação. A sociedade desenvolveu uma pedagogia dos corpos, efetuada através do processo de moldagem e controle deles. Como indica Mauss (2003), há

um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não. Assim, somos conduzidos a nos comportar segundo os valores sociais que nos foram introjetados através das técnicas corporais.

O corpo e seus elementos símbolos da identidade negra constituem na pesquisa o caminho para a compreensão da educação da criança negra na educação infantil. Falar em corpo remete-nos aos padrões de beleza socialmente vigentes em que o negro é excluído em decorrência de suas raízes africanas. O movimento de construção identitária do negro depara-se com as estruturas racistas da sociedade brasileira, por isso o processo de ser negro começa na infância. Desencadeiam-se no plano individual e coletivo as primeiras questões que concernem à corporeidade, aos símbolos do pertencimento étnico-racial do sujeito.

Dessa maneira, os comportamentos dos educadores estão imersos em significados que influenciam a trajetória de vida das crianças que vivenciam o cotidiano da creche. Desse mesmo modo, o educador que também cresceu em uma sociedade racista tem por meio da educação a construção de instrumentos possibilitadores de novas visões que fortaleçam a valorização da identidade negra.

O contexto de que falo está expresso em diversos momentos do cotidiano escolar e se relaciona às primeiras construções que tenho sobre o campo de pesquisa. Exponho a seguir uma pequena parte da etnografia das experiências da primeira infância, registrados em meu caderno de campo.

5.4 Observando o cotidiano escolar

O cotidiano e as ações dos sujeitos estão expostas e refletidas para entender a maneira como se articulam as relações raciais na creche, considerando que por meio do discurso percebo o cabelo crespo como marcador de identidade, visibilizado na creche. Prossigo o trabalho com as observações realizadas nesse espaço, privilegiando a relação entre oito bebês negros e as profissionais da educação.

No momento de entrada dos bebês, que ocorre às 7h da manhã, chegou um menino negro chamado Daniel. As funcionárias olharam-se e comentaram: “Poxa, o Daniel sumiu e voltou. Caramba, ele bate e morde as outras crianças, e pior que ele faz de propósito, parece que gosta de bater nos mais frágeis.” O menino teve a roupa trocada, como é de praxe durante a entrada, e começou a chorar pedindo o colo da mãe. Logo em seguida, a auxiliar Karina o colocou no berço, demonstrando um comportamento de afastamento em relação ao choro da

criança. O menino não tinha muita frequência no berçário e havia entre as auxiliares o comentário de que ele batia nas outras crianças. Por essa razão, elas sempre o colocavam no berço, como uma tentativa de preservar a tranquilidade no salão do berçário. A essa mesma criança também eram tecidos alguns comentários acerca de sua beleza, mas os principais se relacionavam ao seu comportamento ruim. O destino do menino era traçado nas falas de que ele aprontaria ainda mais quando ficasse com mais idade.

O cotidiano do berçário era pautado por momentos de brincadeiras e cuidados, pois a creche não insere a criança no ensino. Os bebês recebiam muitos estímulos através da musicalidade, contação de histórias e incentivo à amizade e ao afeto. A professora sempre os ensinava a importância do abraço e do carinho ao amigo. O processo educacional ocorria a todo momento, começando desde a hora de entrada na creche, já que muitas crianças entravam chorando, seja por ser muito cedo para acordar, seja por querer permanecer no colo da mãe. Os profissionais da educação significavam naquele momento o acolhimento, o porto seguro para os pequenos. O modo como eles eram recebidos exercia importante função para o bem-estar deles.

O salão onde ficam todas as crianças possui momentos para a realização de todas as atividades de cuidado e educação. Porém, o brincar está sempre presente, os livros são acessíveis a todas as crianças, assim como caixas, brinquedos, ursos, bonecas e bolas. Na contação de história, a professora senta-se em um canto da sala e chama os bebês, atraindo-os com livros. Ela cria uma pequena roda com os que desejam ouvir as historinhas e eles se mostram muito entusiasmados, pois entregam em suas mãos livrinhos e apontam os personagens. Nessa ocasião, a regente pegou um livro de pano com ilustrações da Branca de Neve, feito com ilustrações que tinham a figura masculina e a feminina. Ela o mostrou para um menino chamado Paulo, que olhava fixamente os desenhos. Em seguida, disse: “Olha o papai, olha a mamãe.” E comentou: “Não adianta você não vai se reconhecer mesmo, só tem brancos na história.” Segundo os apontamentos de Fanon (2008, p. 128) em referência à criança negra, “uma criança negra normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco.” Esse pensamento ilustra como a infância da criança negra já carrega os padrões do mundo do branco europeu, padrões estes que a inserem no complexo de inferioridade que rege o negro dentro da sociedade.

A docente demonstrou preocupar-se com a ausência de livros na creche que representassem as crianças negras. Desse modo, é visível que o corpo negro não é representado na primeira infância no espaço da creche, pois as primeiras referências de família e de beleza são oriundas de personagens brancos dos contos de fada.

Partindo desse princípio, sabe-se que a educação como uma técnica é responsável pela educação dos corpos e pela construção identitária do sujeito. O comportamento dos adultos influenciava a educação corporal dos pequenos. Um dos fatos relacionados a isso tem a ver com a percepção dos bebês em relação ao tratamento dado a outros bebês. Uma menina, que chamo de Rita, percebia quando sua colega era recebida com sorrisos e tomada ao colo logo que expressava choro ou insatisfação. Quando chegava o momento da entrada, a menina punha-se a chorar e a olhar para as auxiliares e, por vezes, para mim. O seu comportamento retratava o desejo de colo e de atenção. Rita é negra, tem cabelos bem curtos e, segundo a professora, já foi confundida com um menino por alguns pais de outras crianças. A educadora a achava muito esperta e dizia que ela era uma das crianças mais inteligentes, apesar de não ser uma das mais paparicadas.

A rotina era demarcada por ações reproduzidas sem reflexão por parte das auxiliares e da professora, pois elas cuidavam de todas as crianças de maneira igualitária, embora as crianças consideradas “fofas” e “bonitas” fossem recebidas com mais sorrisos e simpatia, o que colaborava para o sentimento de segurança dos pequenos que sempre procuravam afago no colo das profissionais. A educação infantil é muito importante para a formação de conceitos, conhecimentos do mundo, pois significa para os bebês a experienciação do mundo, das imagens. A professora, em conjunto com suas auxiliares, costumava apresentar bonecas para os pequenos, e prevalecia entre eles o interesse por bonecas negras. Os bonecos negros eram manuseados, assim como uma boneca indígena que fazia parte das brincadeiras travadas na sala. Dessa maneira, integrar a criança aos brinquedos que representem a diversidade brasileira é de suma importância para a reeducação das relações étnico-raciais em sala.

Em suas ações pensadas, a docente busca não realizar divisões. Contudo, essa divisão já existe, pois os carinhos e beijos são destinados às crianças vistas como bonitas esteticamente. A beleza à qual nos referimos não se expressa na cor da pele, mas sim nos traços vistos como harmoniosos. Nesse sentido, a ação da auxiliar Kátia em relação a uma menina muito quieta, na opinião dela, chamou minha atenção. Ela pegou Samira, uma criança branca de cabelos loiros, e disse: “Poxa, Samira, eu quase não te pego no colo, você é sempre tão calada, fica na sua.” A profissional relatou que quase não manifestava estímulos à menina que pouco interagia, porém Nilza, uma menina de tom de pele bem escura também não interage muito com os outros bebês e nem com os adultos. E essa pouca interação não foi reconhecida e pensada pelas profissionais, o que me direciona a pensar o motivo pelo qual umas crianças são mais percebidas do que outras.

Nesse mesmo dia, uma criança empurrou a outra e a auxiliar disse: “Poxa, não empurra ela não. Olha, é uma menina branca, bonita pra você brincar.” Dessa maneira, criam-se muitas interrogações, pois qual é o lugar da beleza? O branco é que é bonito? Ensina-se muito cedo o que é bonito e, nesses ensinamentos que se relacionam à estética, o ideal de beleza forja-se no fenótipo do branco. O corpo branco é exaltado como sinônimo de beleza e é educado para ser sentido como tal, enquanto o corpo negro é submetido ao que Fanon (2008) chama de aparição social envoltada na cor, pois todas as ações do branco são pautadas na cor.

Nesse processo de enraizamento, percebo que as condutas dos educadores e pais são parte integrante na construção de posturas e olhares dos pequenos. A forma pela qual os corpos são tocados e tratados é inserida no sujeito, formando assim os hábitos, o costume. A criança é habituada a agir, a se relacionar de uma determinada forma. A educação recebida condiciona negros e brancos a seguir o direcionamento social.

As agentes, assim como a professora, dão muita atenção à questão da estética e da higiene apresentada pelos pequenos. No momento do café da manhã, a professora olhou para o cabelo da menina Rita e comentou com a auxiliar: “Nossa, olha o cabelo dessa criança!” As profissionais reclamavam muito da ausência de higiene da menina no âmbito familiar. A auxiliar Karina sempre fazia penteados na menina e reclamava do fato dela passar o final de semana com o mesmo penteado. Essa mesma auxiliar, certo dia, relatou que um familiar ia adotar uma menina negra e que a primeira coisa que sua esposa iria fazer é “dar um jeito nos cabelos da criança, porque, em sua opinião, tinha o cabelo ruim” (adjetivo inapropriado para classificar o tipo de cabelos). A mesma mulher era branca e possuía cabelos crespos, relaxados por química. Dessa maneira, destaco o quanto está assimilado em nossa sociedade a ideia de que o negro possui o cabelo ruim e que esse cabelo precisa ser domado, alisado para ser bonito e aceito. Essa assimilação é realizada pela criança no decorrer de sua passagem pela escola e pelas referências que a cercam dentro da sociedade.

No mesmo dia em que ocorreu a fala da auxiliar, era Dia dos Professores e eu recebi um presente de uma das mães de aluno. Nesse instante, voltei para as velhas reflexões que me movem no campo, considerando que sou professora da creche e pesquisadora inserida em um espaço para observar ações, relações e tecer reflexões sobre o visto e o vivido dentro de um ambiente supostamente conhecido.

Os dias passam e trazem detalhes que uma professora/pesquisadora estabelecida em seu espaço de trabalho não perceberia, pois atua, age por rotina e também por ser alvo de uma educação que demarca atitudes. Observar condutas e relações passa por uma reeducação das visões impostas e construídas pela sociedade.

A relação entre adultos e bebês nesse espaço parte primeiramente das ações de cuidar/educar. Nelas foram constatados apontamentos em relação à corporeidade das crianças, pois os adultos costumam chamar os pequenos por alguns apelidos relativos às características físicas e comportamentais apresentadas. A forma como uma criança se comporta rende classificações como a “mais bagunceira”, a que “come demais” ou a “briguenta” que empurra os colegas tentando pegar o brinquedo. Há um apelo à ordem, aos bons modos e principalmente à boa higiene e aos cuidados com os cabelos, no caso das meninas. As crianças recebiam apelidos correspondentes à sua forma física ou ao seu comportamento no berçário. Os apelidos como “bagulhão” eram destinados a Dora, uma menina negra com sobrepeso, que sempre puxava os brinquedos dos seus colegas, segundo a docente. Outras crianças com sobrepeso como Áurea, uma menina branca, também eram nomeadas. A docente e suas auxiliares a chamavam de “buchanchuda”, devido ao seu andar e à sua aparência. Havia um menino negro chamado Ângelo que era apelidado pela docente de “negão cheiroso”. Certo dia, a professora perguntou à mãe da criança se podia chamá-lo assim, e a mãe permitiu, dizendo que o chamavam assim na rua.

A creche é um espelho social no qual a criança começa a mirar-se e a desenvolver os padrões socialmente aceitos. Em seu ambiente é construído o mundo de referências da criança, além dos suportes que alimentarão a sua progressão no sistema de ensino. Para a criança negra, as experiências corporais com os seus cabelos e com o seu corpo são aderidas pelo seu subjetivo, demarcando a sua trajetória e as primeiras concepções de vida.

O cabelo crespo revela para o negro um mundo de significados oriundos da sua ancestralidade e também da visão do branco europeu e suas construções calcadas no racismo. Desse modo, mulheres negras passam por um momento descrito por bell hooks (2005, p. 1) como o momento da transição:

Fazer chapinha era um ritual da cultura das mulheres negras, um ritual de intimidade. Era um momento exclusivo no qual as mulheres (mesmo as que não se conheciam bem) podiam se encontrar em casa ou no salão para conversar umas com as outras, ou simplesmente para escutar a conversa. Era um mundo tão importante quanto a barbearia dos homens, cheia de mistério e segredo. Tínhamos um mundo no qual as imagens construídas como barreiras entre a nossa identidade e o mundo eram abandonadas momentaneamente, antes de serem reestabelecidas. Vivíamos um instante de criatividade, de mudança.

Esse mundo de transições, mudanças e rituais faz parte do passado e do presente das educadoras, e essa realidade esteia as suas opiniões e ações sobre os marcadores de identidade das crianças. Torna-se recorrente o desejo pela arrumação dos cabelos, feitura de penteados e boa higiene. A professora Maria, que deixou de alisar os cabelos, dava dicas de cuidados

estéticos às suas auxiliares e, por vezes, a mim. Ela sempre dizia que não existe um cabelo “ruim” e sentia-se feliz por ter conquistado cabelos sem química. Quando a auxiliar Carla comentou que precisava dar um jeito em seus cabelos, a regente de turma dirigiu-se a ela dizendo: “Você não precisa de muita coisa, o seu cabelo é bom.” Ou seja, o termo bom é popularmente usado para elogiar um cabelo não crespo, caracterizado por ruim, difícil de domar.

A realidade apresentada na conversa sobre cabelo revela como as ideologias raciais instauradas na sociedade são assimiladas pelos sujeitos e disseminadas muitas vezes sem percepções sobre o que esses dizeres representam ou ao que se vinculam. A linguagem indica a colonização das mentes imbuídas pela violência racista na qual foram submentidas. Nesse âmbito, construir uma autoimagem positiva através das ações pedagógicas pensadas pelos adultos é vital para a criança negra. A docente relatou, por vezes, a preferência de uma aluna por uma boneca de pano negra e notou que esse brinquedo e a criança eram inseparáveis.

A história do negro brasileiro com os seus cabelos circula na creche em uma diversidade de momentos e apresenta-se, em conversas paralelas, na fala de uma auxiliar Karina, ao mencionar uma criança da turma: “Poxa, a⁴² Júlia é branca e bonita, tem olhos azuis. Ela devia fazer comercial de TV. Eu só não levo a minha filha porque não tenho tempo. Vocês sabem que na TV eles gostam de criança branca e comunicativa, né? Vocês sabem que tem racismo.” As palavras da funcionária destacam como o racismo é forte e prevalece na mídia e nos demais espaços sociais. A beleza é associada ao branco e a feiura ao negro, que sempre recebe os papéis vinculados à subalternidade. Essa divisão é aprendida precocemente e avança a partir da convivência com o outro. A estética corporal do negro, portanto, é culturalmente rejeitada e relacionada à negatividade. O cabelo traça o destino da mulher negra, envolvendo-a em um mundo conflituoso, o do alisamento, como discorre hooks (2005, p. 1):

Eu queria essa mudança mesmo sabendo que em toda a minha vida me disseram que eu era “abençoada” porque tinha nascido com o “cabelo bom” – um cabelo fino, quase liso – não suficientemente bom, mais ainda sim era bom. Um cabelo que não tinha o “pé na senzala”, não tinha carapinha, essa parte na nuca onde o pente quente não consegue alisar. Mas esse “cabelo bom” não significava nada para mim quando se colocava como uma barreira nesse mundo secreto da mulher negra.

A complexidade que envolve o negro o desloca para uma relação de insatisfação com a sua aparência, colocando-o dentro de uma educação para a mudança corporal, educação esta aprendida no âmbito familiar, escolar e nos demais circuitos frequentados. Desse modo, a

⁴² Júlia saiu da creche, pois se mudou da favela.

mente instrumentaliza-se para dar seguimento à negação total da negritude através da quebra do elo com os cabelos crespos. Nesse processo de dominação psíquica, o negro é manipulado pelas imitações do mundo branco. Alisar marca o ato de embranquecer, transformando a posição dos corpos oprimidos dentro de espaços onde o racismo está cristalizado. Diante da questão racial brasileira está a infância e as operações corporais advindas de sujeitos cuja formação se deu mediante as estruturas racistas que sustentam as sociedades contemporâneas.

O mundo colonizado faz-se também por imagens que, nas palavras de Fanon (1968, p. 39), seriam como as estátuas do “mundo compartimentado, maniqueísta, imóvel, mundo de estátuas: a estátua do general que efetuou a conquista, a estátua do engenheiro que construiu a ponte.” A realidade apresentada é movida pelas estátuas de homens brancos que nos colonizaram, mas também por imagens. Vivemos na era das imagens que circulam tornando-se exemplo do que seguir, do que ser e de como agir. Somos encurralados pelas imposições opressoras habitantes de nossas almas embranquecidas pela pedagogia racista.

A transmissão do racismo circula no vocabulário das pessoas de forma natural, sem que seja sentido ou percebido, ou seja, o racismo é naturalizado, o pensamento, as falas, as ações não são pensadas como racistas. Em certa ocasião, a professora comentou sobre a mãe de determinada aluna negra, dizendo confundi-la com a de uma outra aluna detentora de uma pele mais clara. A docente comentou com a auxiliar Karina: “Nossa, eu confundi a mãe dela com a mãe da Nilza... Achei que a mãe dela fosse a mãe da Nilza, aquela branquinha [a mãe era parda], a mãe dela é escurinha.” É muito comum o uso dos termos: “escuro” e “escurinho”, para se referir à cor do negro. A cor escura é associada ao mal, ao que é ruim. Essa maneira de classificar a cor e, portanto, o pertencimento racial, provoca no negro o sentimento de inferioridade, acarretando o desejo de fugir da cor. A ascendência negra é vista como algo que precisa ser superado ou ressignificado pelas técnicas de alisamento.

A questão chama atenção pelo fato de como a autorrejeição da aparência é destinada aos negros de forma impiedosa. Em determinado dia, a aluna Eliane, negra e detentora de cabelos crespos, chegou à creche muito feliz e entusiasmada para brincar. “A regente relatou que há muito tempo não via a menina tão feliz: desde que ela cortou o cabelo por causa de uma doença ficou triste, ela era brincalhona, agora está masculinizada.” Pude identificar que os cabelos compridos são vistos pela professora como sinônimo do que é feminino. A sua visão social exemplificou o que é difundido nos espaços midiáticos e também pelo imaginário social, de que a mulher para ser feminina não pode ter cabelos curtos. Assim, a valorização da beleza feminina passa pelos seus cabelos, que aparecem nesse contexto como referência, inaugurando o estar no mundo para o negro. Na creche, o menino que chamo de Amadeu é

sempre visto como inteligente e esperto, porém sua estética é pouco elogiada. Além disso, os gracejos lançados às crianças de cabelos lisos não são repartidos com o bebê negro da mesma maneira. E é por meio das interações, dos abraços, sorrisos e ações corporais que a criança vai se apropriando do mundo e das práticas sociais. Desse modo, o cotidiano possibilita entender a engenhosidade das relações raciais estruturadas pelo racismo.

A creche é comumente um espaço onde os discursos sobre a aparência preponderam. Assim, as crianças fora do padrão de peso são denominadas de “fofas”, as que possuem determinadas características físicas têm sua aparência comentada. Rita possui cabelos crespos e curtos e, devido a isso, as auxiliares e a professora sempre comentam sobre como a criança é cuidada de forma “largada”. Elas demarcam a todo o momento a importância da boa higiene e dos padrões de beleza que mostram a feminilidade, como roupinhas mais infantis e penteados. É interessante notar como as ações emergidas das questões que tangem a chamada “boa aparência” são recolocadas a todo instante dentro do comportamento das profissionais.

Este capítulo da dissertação expõe, em conjunto com os depoimentos, a importância de se romper com as construções sociais que buscam estigmatizar a identidade negra, além de um breve histórico a respeito do racismo estabelecido sobre o cabelo crespo e das formas de se erradicar as amarras racistas, transformando o cabelo em símbolo de luta e resistência. A seguir, apresento a importância da educação infantil para a erradicação do racismo e as políticas recentes de valorização do negro que se constituem como caminhos para a autoestima.

5.5 O cabelo no espaço da creche

O cabelo é muito importante no visual, mais importante do que a pele. Os mais fáceis de pentear são os que usam poucos produtos químicos, os naturais são bem mais fáceis. Os difíceis são os que dependem muito de aparelho e produto porque fica refém. Desde criança, desde sempre, a minha família achava que era feio cabelo cacheado. Minha avó passava pente quente, porque achava feio o cabelo cheio de volume. (Maria, professora).

A convivência do negro com os seus cabelos crespos é algo que começa a tomar contornos no período da infância, dentro do espaço familiar. Como destaquei anteriormente, Maria é fruto de um casamento inter-racial e, embora tenha nascido branca, possui cabelos cacheados. Eles já foram manipulados pela avó, branca de cabelos lisos, que apregoava a necessidade de diminuir o volume e silenciar a forma de seus cabelos. Nas relações raciais, o

negro e sua imagem são reduzidos às tentativas de transformação. O embranquecimento tematiza o estar no mundo, pois o meio familiar somado aos demais espaços constrói o sentimento de rejeição ao corpo negro. Assim, são gerados os enquadramentos da realidade social determinada pelo branco através da imposição cultural.

A regente posiciona-se atualmente como uma mulher que assumiu os seus cachos, livrando-se do alisamento e das imposições familiares e sociais. Ela afirmou durante a entrevista a importância das crianças não terem química nos cabelos e ressaltou que “Minha professora na universidade é branca, tem cabelos crespos e estica o cabelo.” Ela retoma o discurso de que isso não é preciso e volta-se novamente para falar da relevância da criança aprender sobre si: “Quanto mais cedo a criança aprender o que é natural, é melhor pra ela, vai ser melhor pra ela.” Dando seguimento à entrevista, perguntei-lhe sobre os cuidados recebidos pelas crianças negras e brancas da creche pelos pais. Analisei que seria importante questionar a visão da professora, já que a família deve complementar o trabalho realizado pelas profissionais. Segundo Maria, “No geral, a maioria é bem cuidada, tanto branco, como negro. Aqui tem dois meninos negros, um é bem cuidado e o outro não.” O contexto pesquisado tem o seu funcionamento alicerçado nos cuidados que a criança precisa. Com isso, a investigação sobre a educação dos corpos cuidados e educados constitui-se como um importante meio de se entender as relações étnico-raciais na primeira infância. Eis a visão da educadora sobre o cabelo:

O cabelo mais bonito das crianças é o que combina com eles, eu não fico comparando não. Bom, assim, era bom que todos tivessem cabelo curto por causa do calor, mas isso não tem a ver com a textura do cabelo, não. E assim, no sistema de educação, nos livros não tem representação dos negros, mas na sala eu tento produzir. Eu tento adquirir bonecos e bonecas que não sejam só brancos, tento fazer os negros abraçarem as crianças brancas. Aí depois você tenta fazer todas se abraçarem, fazer carinho. É uma forma de todos se gostarem, porque o bebê entende a linguagem corporal do beijo e do carinho, na nossa sala não tem segregação. Tem que tratar todo mundo igual. As crianças precisam se gostar como são [pausa]. Pensei na Rita agora, ela era tão feinha, agora tá ficando bonitinha. (Maria, professora).

A própria história do negro brasileiro com os seus cabelos crespos o introduz no confronto entre as raízes africanas e os padrões de beleza vigentes. A educadora, dentro do cotidiano da sala de aula, ressaltou certa vez que os cabelos curtos de uma menina a deixavam masculinizada, porém, durante a entrevista, destacou que seria bom os alunos terem os cabelos curtos, por causa do calor. A questão de comprimento e formato dos cabelos é algo que se manifesta na creche, pois é discutido o que é bonito ou feio entre os pequenos. A docente afirma a importância da representação das crianças negras nos livros, nos brinquedos

e no espaço educativo. Para tanto, ela insere no berçário imagens de crianças negras e cartazes, em uma tentativa de produzir experiências com a diversidade étnico-racial. A afetividade demarca a educação proposta pelos profissionais do Berçário 1, pois o carinho e o respeito pelo outro são o tempo todo trabalhados. E essas formas de cuidado, segundo Maria, prevalecem na sua turma, não dando espaço para segregação racial. No seu discurso, estão presentes alguns detalhes que expressam certo cuidado na hora de se colocar frente à questão racial. O mesmo cuidado com a fala não ocorre durante a rotina, quando estão sendo delineadas as relações entre adultos e bebês.

Vou ter que falar mal das mães. Em muitos casos, a criança é bem mais cuidada aqui. Eu sei que tenho a obrigação de cuidar, mas aqui eu cuido sem obrigação porque gosto deles. Quando você estuda, você pensa diferente. Eles aprendem a gostar de andar limpinho, a dançar e cantar. De pegar um brinquedo e ver que ninguém vai repreender. Às vezes a gente repreende, mas eles não têm vergonha de se divertir. Os que eram tímidos estão soltos, os que choravam muito hoje em dia nem choram. (Maria, professora).

A creche, portanto, é um espaço onde os cuidados com o corpo são colocados como essenciais. Na medida em que as crianças estão nesse espaço, as educadoras mantêm o comprometimento de desenvolver nos pequenos o desejo pela higiene. Dessa maneira, apresenta-se com frequência a questão do “cuidar” e de se “higienizar”, “ficar bonito”. A auxiliar Carla, de 46 anos, disse o seguinte: “O cabelo é o que nós temos, ele é aquilo que nós somos, faz parte do nosso corpo. Na minha concepção o mais difícil é o cabelo ‘pixaim’, volumoso igual ao da Dora. É necessário fazer uma coisa melhor, um penteado.”

O cabelo, na visão de Carla, é parte do nosso corpo e ela se refere à identidade do sujeito através de seus cabelos. Ao enxergar o pertencimento racial nos cabelos, a auxiliar também pronuncia um conceito fortemente difundido no Brasil, o cabelo “pixaim”. A palavra, que não é apenas uma simples palavra, marca a trajetória de muitos negros, vítimas de xingamentos em decorrência da textura do cabelo, o que faz muitas mulheres desejarem alisar, fugir da imagem. Segundo Fanon (2008, p. 63), a “mulher negra é desejosa de embranquecer, enquanto a mulata deseja também o embranquecimento e tenta evitar a regressão.” Evita-se ser o que é, pois ser branco é ser bonito e inteligente, é ser elogiado como detentor de um cabelo “bom”, enquanto ser negro é permanecer dentro de um mundo propagado pelo racismo. A profissional reproduziu na fala o que a sociedade naturalizou como verdade, como ideal.

Em sequência, dando continuidade às questões que envolvem o uso de química nos cabelos, Carla afirmou:

Só usei tonalizante uma vez por causa dos meus cabelos brancos, só por causa disso. A química não é importante. Pode ficar por um tempo e depois danifica os cabelos. As crianças não devem usar química por causa da saúde, elas não têm estrutura para ter química. Elas não precisam passar por isso, tem que ter um trabalho por ser “pixaim”, fazer um rastafári, fazer umas tranças, o que requer mais trabalho.

A auxiliar, considerada pelas outras educadoras como uma pessoa que possui cabelo bom, concentra em sua fala o que lhe foi ensinado pela sociedade a respeito do cabelo crespo. Ela destaca que ele é “pixaim” e dá “trabalho”. A maioria das mulheres negras foi ensinada que os seus cabelos não são práticos como os cabelos lisos. Nesse sentido, são alimentadas pela ideia de transformação para ficarem bonitas. Segundo hooks (2005, p. 2):

Levando em consideração de que o mundo em que vivíamos estava segregado racialmente, era fácil desvincular a relação entre supremacia branca e nossa obsessão pelo cabelo. Mesmo sabendo que as mulheres negras com o cabelo liso eram percebidas como mais bonitas do que as que tinham cabelo crespo e/ou encaracolado, isso não era abertamente relacionado à ideia de que as mulheres brancas era um grupo feminino mais atrativo ou de que seu cabelo liso estabelecia um padrão de beleza que as mulheres negras estavam lutando para colocar em prática.

O belo concentrava-se em ser branco e ter cabelos lisos. Nessa leitura, desencrespar o cabelo é ir ao encontro de uma imagem muito desejada pelas mulheres negras. O impacto social de ter cabelos crespos estabelece um campo de tensão que implica na descaracterização da imagem do negro, de modo que, historicamente, se tem o olhar dominante sobre os fios crespos como responsável pela visualização distorcida de homens e mulheres sobre o seu aspecto racial.

Continuando a entrevista, abordei a questão do cuidar, segundo a ótica de Carla (auxiliar):

Aqui na creche tem pais que cuidam direitinho. Tem criança que é pretinha mas é bem cuidadinha. Mas tem umas... Aqui mesmo aquela menina do “pixaim”, a Rita, coitada da garota. Assim, e eu não tenho uma concepção de cabelo bonito ou feio, é só tratar, cuidar. O seu [ela me colocou como exemplo] é chique, bem tratado.

Esse depoimento explicita a relação entre ser negro e malcuidado, esse pensamento sendo fruto da associação de ideias negativas acerca da aparência do negro, vinculada à dupla desleixo/cor, pois a cor da pele é relacionada à ausência de cuidados. A educadora manifesta em seu discurso o que está arraigado socialmente. No que concerne à representação do negro na sala do berçário, ela respondeu:

A representação é falhada na educação, a gente tem poucas figuras de negros retratados, podia colocar mais figuras, ser mais enfatizada a figura do negro, porque todo mundo precisa ser tratado igual. E pra mostrar igualdade existe um monte de

forma de beleza, não o que a mídia padroniza, tem crianças que são mais engraçadinhas, outras mais dadas, mas todas têm a sua beleza. E você acha que eu trato todo mundo igual? Quando eu chego pego todo mundo no colo, ponho tatame, chamo pra contar história, eles fazem tudo o que a gente ensina. (Carla, auxiliar).

Reitero a importância de saber como os adultos situam a sua consciência racial, a sua formação, para lidar com as relações étnico-raciais em sala, visto que a construção da identidade é realizada também no espaço da creche. Dessa maneira, são ensinadas ali as possibilidades de existência do sujeito. A experiência vivida fornece os primeiros suportes para o autoconhecimento. A inserção social do negro dá-se a partir das construções culturais que marcam a questão em que o negro é construído de acordo com a imagem do branco.

A herança colonial ainda se apresenta como estruturadora do pensamento e das ações sociais, fazendo com que se conviva na contemporaneidade com o racismo e seus efeitos psicológicos. A auxiliar Karina, uma mulher branca de cabelos crespos e relaxados, afirmou o seguinte:

Eu acho que a nossa aparência, o cabelo quando você chega num lugar é o nosso cartão de visitas. O cabelo precisa estar apresentável, mesmo sendo crespo, ele precisa ser cuidado. As pessoas se aproveitam de ter cabelo crespo, levanta da cama e não dão um jeito. O cabelo mais fácil de pentear é liso, é rápido, já crespo precisa molhar e passar creme. No meu cabelo eu uso química na raiz, porque ele é muito cheio, e eu gosto de cabelos cacheados, mas com a raiz baixa. (Karina, auxiliar).

A questão da boa aparência está ligada ao fato dos cabelos serem cuidados, relaxados e com a raiz baixa, o que demonstra como a lida com o cabelo crespo é projetada no cabelo liso do branco. O “cartão de visitas”, que é a aparência/cuidado, é destacado na fala da educadora como uma forma de sentir-se bem e, para tanto, ela precisa fugir dos cabelos crespos, fazendo relaxamento. O ritual de alisamento ainda sustenta a realidade dos descendentes de africanos no Brasil.

Tem pessoa que fica bem com o cabelo natural, mas eu me sinto bem com a raiz baixa, o meu cabelo sem química tinha a raiz alta, ele me incomodava, dava vergonha das pessoas falarem. Na creche, os pais não cuidam do cabelo das crianças, a gente é que muda o penteado, lava o cabelo. O cabelo crespo é cuidado aqui na creche. E os dois tipos de cabelo são bonitos, o liso e o crespo. (Karina, auxiliar).

O conflito toma forma na entrevista; a profissional relata a vergonha em possuir a raiz dos cabelos alta, afirmando que as pessoas comentam. A marca da mestiçagem expressa nos fios é tomada como algo apontado na sociedade. Desse modo, o imaginário dos próprios negros é assombrado pelo sentimento de inferioridade. Essa fala chama atenção para a

questão dos discursos e de como eles podem transmitir a ideia existente em determinado contexto. Sendo assim, como assinala Rojo (2004, p. 213):

Pois, embora o discurso se adapte e se submeta à regulação da ação social e aos imperativos de um tempo e de um espaço social determinados, simultaneamente, ele não só estrutura a ação social e lhe dá significado, como produz e reproduz – mas também modifica – aqueles contextos sociais nos quais surge, assim como os atores sociais e suas relações.

A ideia de um cabelo crespo detentor de raízes baixas é oriunda de um padrão branco europeu, que é reproduzido na fala da maioria das mulheres negras, que se veem mediante as técnicas de alisamento e relaxamento como meios de se modificar a textura do cabelo. Desse modo, destaco a dimensão política da estética, pois o cabelo crespo assume dentro do âmbito escolar e fora dele outros valores que estão para além da aparência. Tais valores condicionam o modo como o sujeito será tratado e visto socialmente. Esse peso dado aos símbolos de pertencimento racial encarcera a maioria dos negros dentro da necessidade de expropriar de si as marcas raciais.

Aqui na sala só tem bonecas negras que o Paulo se identifica. Ele sempre se identificava com essa boneca, ele fica com ela na mão. Assim, porque os bebês não associam a imagem deles com a nossa. Uma vez aqui na creche, eu vi uma criança de cabelo crespo do maternal soltar o cabelo porque viu uma criança de cabelos lisos com ele solto. Porque assim, o crespo vive preso, né? (Karina, auxiliar).

O berçário, como anteriormente relatei, agrega brinquedos que representam as crianças negras. Porém, a equipe é de mulheres brancas, sendo duas de cabelos crespos. E isso é destacado na fala da auxiliar para marcar a diferença racial entre ela que é branca e os que são negros. Ela situa o comportamento de uma criança ao soltar os cabelos crespos, desejando ter cabelos lisos como os de sua colega. Na medida em que se convive com o outro, as questões relativas à cor da pele, à textura do cabelo são destacadas e aparecem no cenário infantil.

Na hora de se pentear todo mundo gosta, eles ficam felizes, levanta a autoestima da criança. Já aconteceu na hora em que tô penteando de vir uma criança e me dá o pente pra eu pentear ela. Quando a criança recebe o cuidado, ela se sente bem e feliz. Tem muita criança aqui que chega suja, quando você dá um banho, ela fica bem. O cuidar e o amor faz a diferença, aqui tem horário pra dormir, pra comer, brincar. Em casa às vezes não tem comida, higiene. (Karina, auxiliar).

Os penteados, o cuidado e a higiene estão presentes em todos os depoimentos colhidos e também se apresentam nas ações observadas no cotidiano do berçário. A

construção da autonomia da criança e das primeiras experiências parte dos aspectos relacionados à boa aparência dos cabelos crespos.

Nesse contexto, ao analisar os discursos dos profissionais da educação, percebo o quanto o racismo está impregnado no cotidiano e no pensamento brasileiro:

Acho que sim, a sala é pra qualquer criança, ela tem cores e livros variados. E assim, hoje em dia tão deixando a chapinha pro cabelo ficar normal, afro, né. E pessoa que o cabelo é melhorzinho tá deixando afro. A sociedade tá deixando natural. Assim, por exemplo, o cabelo da minha filha não tem necessidade de química, é cacheado bom. O meu também não é cacheado crespo, dá pra modelar com o creme. (Angélica, auxiliar).

A sociedade ainda se prende à ideia de que existe um cabelo bom e um cabelo ruim. Baseando-se nisso, as pessoas negras são qualificadas, desqualificadas ou valorizadas como uma pessoa que, apesar da cor, possui um cabelo bom. Essas concepções possuem sentidos e demarcam a posição social que o negro ocupará dentro das hierarquias sociais.

“Acho que na primeira infância não deve passar química, não. Química só na segunda infância se sofrer preconceito e tiver dificuldade de pentear sozinha. Porque tem criança que já penteia o próprio cabelo.” (Angélica, auxiliar). A educadora, no momento da entrevista, perseverou com o discurso de que química só em caso de necessidade ou se a criança sofrer preconceito. Foi identificado em suas palavras o que é vivenciado precocemente por muitas crianças, o alisamento. As técnicas de transformação mediam a transição de uma vida de apontamentos para uma nova etapa em que as marcas da origem étnica são suavizadas. Segundo Gomes (2008, p. 254), desde a escravidão, o cabelo funciona como um impasse dentro das relações raciais.

Mas o cabelo anelado não significava somente a possibilidade de liberdade nos tempos de escravidão. Os escravos e as escravas que o possuíam e ainda tivessem uma cor de pele mais clara eram os preferidos para o trabalho no interior da casa-grande ou nas plantações mais domésticas. Eles conseguiam ter alguma educação, recebiam melhor comida e, algumas vezes, a promessa de liberdade após a morte de seus senhores.

O cabelo crespo dentro das ideologias racistas é uma evidência de um pertencimento ruim. E, à medida que a pessoa negra cresce, ela apreende a importância de se livrar dos elementos negativos do seu corpo. Segundo hooks (2005, p. 4), “Aos olhos de muita gente branca e outras não negras, o *black* parece palha de aço ou um casco.” O cabelo crespo é associado à fealdade e nesse quadro de opressão, ele é agredido, açoitado pelo racismo.

O negro é muito pouco representado pela escola. E quando é negro e favelado? Imagina se você é negro e mora na comunidade? Dizem muita coisa... Não dizem que quando o negro não suja na entrada ele suja na saída. E acho que não pode

classificar se a pessoa é negra pelo cabelo, todo mundo tem no sangue o negro, independente se tem o cabelo duro, toin toin, cabelo bom, cabelo ruim. Todo mundo tem sentimento. (Janete, auxiliar).

Dentro da dinâmica cultural, a cor da pele, a textura dos cabelos e a origem social refletem na mobilidade social do negro e, quando se é negro e morador de comunidade sofre-se com o preconceito da pele e da moradia. No Brasil, muitos mestiços descobrem-se negros ao serem vítimas do estigma, da violência racista nas instituições sociais. Desse modo, a reflexão sobre como esse corpo é educado na creche consiste em entendermos o contexto no qual as crianças negras estão inseridas, pois a educação infantil tem a função de garantir que as crianças respeitem a si e ao outro.

“Uso relaxamento. Meu cabelo fica cheio e eu gosto do volume controlado. Na criança não acho legal usar química não. Acho que tem como tratar com creme pra idade dela. Química nessa idade é maior pecado. As mães são doidas, não têm muita noção não.” (Janete, auxiliar). A profissional destacou a importância de cuidados com os cabelos na primeira infância e salientou que é pelas mães que as crianças começam a passar química. É pela própria família que muitas crianças se veem diante da técnica do alisamento.

A gente teve avanço, mas ainda não é significativo em relação às imagens da criança branca. Na creche a gente não tem predominância da cor branca. A maior parte das crianças tem cor negra. E pensando na minha sala, ela não tem imagem de crianças brancas. A única imagem do universo das crianças negras é o saci. (Débora, professora).

A professora salientou o quanto é precária a representação dos negros no sistema de ensino e destacou que a única imagem que representa a criança negra é a folclórica, a do saci. A cor negra é algo que predomina naquela creche. Como professora de muitos alunos negros, ela percebe a falta de ações dentro do cotidiano escolar que fortaleçam a identidade da criança enquanto negra. “Eu não vejo o cabelo como uma temática que precisa ser abordada. Vejo o cabelo como uma das marcas da criança. Às vezes a criança tem o cabelo crespo e é branca, ela não é tão discriminada. As mães estão na tendência da moda deixando o cabelo natural.” (Débora, professora).

A aparência embranquecida é o movimento que incide sobre a vida do negro brasileiro. Ser negro é estar exposto a uma violência sutil, vista nas entrelinhas dos discursos, dos olhares. O racismo que estrutura a sociedade brasileira enraíza os sentimentos de baixa autoestima que impedem o negro de expressar-se esteticamente sem ser discriminado. Nesse sentido, no contexto dos anos 2000, fala-se de cabelo crespo como modismo. Porém, a geração que usa os cabelos sem intervenções químicas está para além dos modismos, pois

usar os cabelos crespos é empoderar-se de seu valor e conjugar-se dentro de uma nova relação com o corpo negro, sua história e lutas.

Aqui na creche, os negros têm sido bem representados pelos trabalhos desenvolvidos pelos funcionários. Isso é, também, pelos funcionários negros, pelos livros, os fantoches de negros, índios, asiáticos que chegaram aqui na creche ano passado. E nossa cultura e raça é bem representada nos livros didáticos e no sistema educacional. (Rosa, diretora).

Durante a entrevista, a diretora frisou que o sistema de ensino atual aceita o negro, os seus traços. Ela voltou-se constantemente para a ideia de um Brasil mestiço, onde todos convivem igualmente e nessa direção baseou todas as suas falas e exemplificações de um país democrático racialmente, muito mais aberto para a “pessoa de cor”, termo usado comumente em seu discurso. Segue mais uma fala da diretora sobre cabelo: “Eu já alisei o meu cabelo e ele caiu todo. Eu não acho legal alisar, não. E pra criança faz mal alisar.”

A identidade negativa que circula em volta das características corpóreas do negro o conduz a buscar formas de amenizar os elementos africanos de seu corpo. Dentro desse território demarcado por sentimentos de rejeição, o cabelo crespo encontra-se como símbolo das raízes, o que provoca temores, pois no Brasil, ser negro é viver dentro de uma conjuntura pautada no racismo e no modo de viver da elite branca. Nesse sentido, o negro precisa ser como o branco, compor-se com os seus traços, sua cultura e o seu cabelo. A escola materializa essas mensagens através de seus livros, brinquedos e pela ausência de ações pedagógicas antirracistas. O ensino ainda se encontra colonizado e, portanto, reproduz o racismo. As estruturas sociais ensinam o negro a negar sua cor e cabelo. O oprimido habitua-se a seguir os padrões que correspondem à cultura do colonizador. Nesse quadro, o cabelo funciona como uma das principais vertentes do preconceito racial.

Na sociedade ainda tem aqueles rótulos, são as normas da sociedade. Quando é branquinho de olho azul você não acha que vai te assaltar, quando é negro, a pessoa já acha. A pessoa sempre acha pro lado mais pobre. Igual quando a pessoa está mal arrumada, se atende mal. Aqui no Brasil, a gente vive de aparências. Às vezes uma pessoa de cor sabe mais do que um branquinho. (Rosa, diretora).

O discurso da diretora contém palavras que ainda predominam no vocabulário popular, como “pessoa de cor”, termo usado para se referir ao negro. A pessoa negra ainda se enxerga mediante um mundo criado pelo branco para abrigar o negro. Ela exemplificou também algo muito recorrente em nossa sociedade, que é a criação dos arquétipos para o negro. A liberdade de fugir dos arquétipos, dos ataques racistas dá-se através da educação, de uma educação que contribua para o negro conhecer suas raízes e a contribuição de seus

antepassados para a construção do Brasil. É de grande importância para o negro empoderar-se para a luta através de uma nova leitura, um novo olhar sobre si. É nesse sentido que a primeira infância deve estar munida de referenciais positivos para atender a diversidade.

5.6 Eu, negro: a valorização dos cabelos crespos e a construção de uma educação antirracista

A construção de uma educação antirracista deve perpassar a educação infantil, pois é na primeira infância que começam a surgir os apontamentos sobre a aparência, as perguntas pertinentes à questão da diferença. Dessa forma, assinalo aqui a necessidade que a lei nº 10.639/03 atinja a educação infantil, pois repensar o Brasil, os seus valores a partir de uma pedagogia antirracista é de suma importância para a efetivação de relações raciais positivas.

O ingresso do negro no sistema escolar e o reconhecimento da existência de uma questão racial trouxeram para o campo educacional a necessidade de se construir aparatos legislativos, objetivando-se o fornecimento de diretrizes, com a finalidade de se propagar no ensino um novo olhar, capaz de romper com os preconceitos ainda existentes em nossa sociedade. Torna-se fundamental destacar as questões que envolvem a presença da criança negra na educação básica, trazendo como foco a educação infantil que tem dois ângulos de atuação, conforme discorre Silva Júnior (2012, p. 71):

A Educação Infantil deve ser considerada a partir de dois ângulos. O primeiro como um espaço dentro do qual deve ser assegurada a interação respeitosa e positiva com a diversidade humana, adequando-se os espaços físicos, materiais didáticos e paradidáticos e se preparando educadoras e funcionários para serem agentes de promoção da diversidade. O segundo ângulo situa a Educação Infantil como um instrumento de transformação social no sentido de preparar a infância para valorar positivamente a diferença, dissociando diferença de inferioridade de tal sorte que a médio e longo prazo o preconceito e a discriminação sejam erradicados da sociedade. Isto é, não basta que a educação infantil não seja ela própria uma fonte de discriminação, cabendo-lhe também fomentar uma cultura de respeito recíproco e de convivência harmoniosa entre os grupos étnico-raciais, como também culturais e religiosos, entre outros.

Dentro do contexto educacional, a desmistificação dos conceitos construídos historicamente em nossa sociedade tem na educação infantil um importante aparato na luta antirracista, pois cabe a ela possibilitar o desenvolvimento de cada criança ao alimentar na primeira infância o respeito à diferença. Desse modo, apresento aqui os conceitos dos profissionais da educação sobre o racismo e uma educação antirracista. Para tanto, exponho os dados que concernem às perguntas sobre a percepção do racismo na creche na visão da

professora do berçário e de suas auxiliares. “Isso é complicado, mas deve ser feito tudo para valorizar o cabelo da criança negra, não discriminá-la, não deixá-la atrás da fila, elogiar sempre em pé de igualdade com as outras crianças.” (Maria, professora). A professora levantou o aspecto da valorização da criança negra dentro da creche; suas palavras ressaltam que se deve garantir aos alunos o sentimento de ser importante dentro do espaço educacional infantil. Por sua vez, a auxiliar Angélica ressaltou que somos todos diferentes e devemos ensinar isso à criança pequena.

Ensinar para criança que cada uma é diferente e tem uma personalidade, um tem cabelo enrolado, o outro cabelo liso, outro crespo, outro sarará, porque ninguém é igual a ninguém, desde pequeno ensinar da creche até o ensino fundamental que é o básico de uma professora. Ensino fundamental II já são outros professores, aí já é mais complicado pra você ensinar um adolescente, é mais fácil ensinar pra criança. Ensinar pra criança que eu sou diferente dele e nem por isso eu vou deixar de brincar com ele ou deixar de estudar com ele. (Angélica, auxiliar).

O propósito educacional da agente auxiliar de creche Angélica firmou-se em ensinar a criança a conviver com as diferenças. Para a profissional, tem mais eficácia ensinar uma criança a aceitar o outro que é diferente dela do que um adolescente ter esse comportamento de aceitação, haja vista que ele já tem a personalidade formada diferentemente da criança que ainda se encontra em desenvolvimento. Decorre da educação infantil, portanto, o início da valorização e do comprometimento em ensinar o respeito ao outro. Ainda com relação a uma educação antirracista, a agente de creche Ruth definiu a importância de se chamar a criança pelo nome em vez de se utilizar a cor da pele. Tal aspecto evidencia como prevalece o destaque da cor da pele em detrimento do nome. O uso de palavras como: “pretinho”, “negrinha” e “mulatinho” para identificar a pessoa negra é algo costumeiro, pois foi naturalizado pelo senso comum. Ruth acrescenta a importância de livros e brinquedos que tragam para o berçário a representatividade para a criança negra: “Primeiro é nunca tratar diferente e eu acho errado quando algumas pessoas chamam assim: ‘Vem aqui, pretinho’, tudo bem que tem a cor, mas não precisa, né? Pode chamar pelo nome. Para construir o antirracismo pode ter livros, contando história, mostrando que somos iguais.”

O respeito às diferenças são medidas fundamentais para se modificar o quadro do racismo, pois se estará fazendo do espaço escolar um meio de se educar e cuidar através de práticas que respeitem a diversidade étnico-racial.

O trabalho realizado por creches e pré-escolas deve ser educativo e visa garantir também assistência, alimentação, saúde e segurança as crianças. A educação infantil deve preparar as crianças para que tenham bom desempenho na segunda etapa da educação básica, o ensino fundamental, e também lhes propiciar melhor desenvolvimento humano e social. A educação infantil é o primeiro recinto

institucionalizado a que a criança tem acesso – isso significa que ela passa a conviver em novos coletivos e, por isso, precisa ter oportunidade para aprender e apreender regras para essa convivência pautada no respeito por si e pelo outro. (TRINIDAD, 2012, p. 120).

A educação para a primeira infância oferecida por creches e pré-escolas deve primar por práticas que fortaleçam o respeito à diversidade, à religião e à cultura do outro, considerando que a criança negra precocemente entra em contato com o racismo e suas amarras sociais. Em consequência disso, vivencia o preconceito nas estruturas sociais, pois o racismo funciona como estruturante nas sociedades modernas e como condutor das relações raciais efetivadas nas instituições sociais. Desse modo, o negro carrega o sentimento de inferioridade em relação ao branco. A aparição social do negro é destacada pela cor, suas ações são pautadas na cor.

Interessa a este estudo tratar das relações étnico-raciais na educação infantil, a partir da observação de uma creche municipal que atende crianças de 0 a 3 anos de idade, analisando suas interações no cotidiano escolar e suas experiências com seus cabelos crespos como marca identitária. Para investigar o espaço escolar, um dos aspectos a ser destacado é o papel do silêncio de pais e profissionais da educação, convencidos de que a melhor postura é não criar ruídos em relações raciais harmônicas, mantendo essas relações raciais que sustentam o desrespeito às diferenças, ajudando assim, na formação de visões pautadas no preconceito com o outro.

Os mecanismos utilizados pelo racismo, como a ofensa ao fenótipo negro, são assimilados pelas crianças, sendo somados à sua identidade, de modo que esta é construída e calcada em baixa autoestima. A escola, ao reproduzir determinadas práticas sociais, pode contribuir fortemente para a propagação de uma realidade ainda existente na qual o racismo vigora como condutor das relações raciais. Nesse sentido, as preferências por determinado tipo de cabelo alimentam o racismo: “Com certeza o tempo todo, exatamente assim, escolhendo cabelo liso pra pentear por dar menos trabalho e até no momento de fazer um carinho e de abraçar, elogiar – e geralmente se elogiam e se escolhem os de cabelo liso – e de várias formas.” (Maria, professora).

Assim, é gerado o suporte para a permanência das desigualdades raciais entre brancos e negros. As práticas sociais possuem um sentido que podem reforçar ou modificar questões existentes socialmente. Por essa razão, as ações cotidianas na escola podem servir como reforço ou rompimento para determinadas situações que surgem na primeira infância. Segundo Cavalleiro (2000, p. 25), “a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os negros permitem que as crianças negras neguem a sua

identidade e busquem cada vez mais aproximar-se das características que as aproximam do branco.”

A desigualdade racial implica já na primeira infância em exclusões e tratamentos diferenciados emitidos pelo professor e por colegas de turmas e a necessidade de se aproximar do estereótipo branco. A questão do racismo no Brasil prevalece em vários espaços sociais e é conhecida precocemente pelas crianças na primeira infância, o que colabora para a construção de uma identidade comprometida, pois, como afirma Gonçalves (2000, p. 81) em relação à identidade do negro:

Como a ideologia da democracia racial construída a partir de um racismo universal, assimilacionista e integralista continua forte no Brasil, sua superação constitui-se no maior desafio para a construção de uma identidade única para os grupos excluídos da sociedade brasileira.

A identidade do negro é uma construção cotidiana, tendo em vista que as manifestações do racismo criam obstáculos que impedem a igualdade racial entre brancos e não brancos. Existem, pois, desigualdades raciais quando se compara negros com brancos no Brasil em termos de anos de estudo, situação econômica e acesso a outros bens sociais. Como demonstra o estudo de Henriques (2002), a pobreza no Brasil tem cor e é negra; essa afirmação dá-se pelo fato desse grupo ser um dos principais alvos da desigualdade racial que tem como embasamento o silêncio sobre o racismo, o qual embala o cotidiano escolar. Os dados da década de 1990, abordados pelo autor, identificam que as defasagens se distribuem de forma bastante distinta de acordo com caso dos jovens brasileiros terem ou não frequentado a pré-escola ou creche. As defasagens são significativamente menores para os que frequentam esse ciclo escolar. Enquanto 37,8% dos brancos que frequentaram a creche ou pré-escola estão na série correta ou até adiantados, somente 18,3% dos que não frequentam a pré-escola estão sem defasagem. Em relação ao negro, apesar dos patamares de desempenho serem inferiores (por exemplo, 17,49% dos negros que frequentam a creche ou pré-escola estão na série correta ou até adiantados), apenas 5,8% que não frequentam a pré-escola estão sem defasagem. Assim, Henriques (2002) conclui que independente da raça, aqueles que frequentam a pré-escola apresentam melhor desempenho, o que nos permite afirmar que os estudantes cuja formação inclui nível pré-escolar desfrutam de forma mais satisfatória das oportunidades educacionais que lhe são concedidas. Tendo em vista as conclusões do autor sobre a importância da educação infantil para a criança negra prosseguir no sistema escolar, perguntei aos profissionais da educação sobre a importância da educação infantil acerca da pesquisa de Henriques (2002).

Eu acho que é verdade mesmo porque não é só para uma criança negra mas para uma criança branca ou qualquer outra criança. A educação infantil ajuda na coordenação motora da criança, se a criança não começar desde pequenininho a criança entra seca na creche, fica com dificuldade de pegar um lápis, nas brincadeiras de jogos que aqui na creche ensina, no desenhar, no pintar, eu vejo pela minha filha mesmo, minha sobrinha tem 6 anos e não sabe amarrar um sapato e minha filha já sabe dar um nó porque ela tem coordenação motora, se você trabalhar desde pequena a coordenação motora da criança e estimular, elas já crescem se enturmando, já vai aprendendo e quando chega na educação fundamental é bem melhor. A educação infantil é fundamental pra qualquer uma, não só pra criança negra, porque a criança negra no sentido que você tá falando é do racismo, mas se você num momento colocar uma criança na escola com uma criança de cada cor a criança negra não vai se sentir menosprezada, ela vai se sentir como qualquer outra. Eu acho que não tem nada a ver e que depende muito da criança, dos pais, porque tem pais negros que têm dificuldade na educação, então traz a dificuldade para a criança também né, mas depende muito e varia muito, porque tem crianças brancas que também não sabem ler nem escrever. (Angélica, auxiliar).

Outro fator bastante importante liga-se à questão considerada por Carla de que, quando se sofre o preconceito, a escola é um instrumento para superá-lo.

Eu acho que já gera aquilo: porque eu vou conseguir, porque eu já tenho esse preconceito, porque eu vou passar por cima e eu vou conseguir por causa do preconceito, forma uma atitude pra superar o preconceito, porque já cedo a criança começa a se socializar com os outros, já se vai letrando as crianças, quando chega na primeira série ela já tá totalmente, já mais, assim, desinibida, mais pra frente do que uma outra criança. (Carla, auxiliar).

Nesse sentido, a escola precisa estabelecer rupturas, criando meios de propiciar uma educação antirracista que procure olhar cotidianamente as situações vivenciadas pela criança negra em seu meio. O reconhecimento da heterogeneidade reflete positivamente na vida da criança negra, pois esse movimento incide sobre vários aspectos que vão desde sua permanência até a construção da sua identidade.

5.7 O corpo e o cabelo negro

O estereótipo acerca da negritude é alvo de expressões pejorativas, como “cabelo pixaim”, “negra do cabelo duro”, “macaco”, “ovelha negra da família”, entre outras que são reproduzidas no nosso dia a dia, na escola, no trabalho e nos meios de comunicação. No passado, a estética do afrodescendente era utilizada como justificativa da escravidão e até hoje persiste no imaginário social. A ideia de um padrão branco em um país extremamente miscigenado é o que afeta as relações raciais e a aceitação do ser negro, que passa a contar com intervenções químicas e cirúrgicas que os aproximem de um padrão racial branco.

Os estudos de Gomes (2008) sobre corpo e cabelo como símbolos de identidade negra discorrem a respeito da história do negro com o cabelo. No Brasil, vigora o discurso da boa aparência, em que o cabelo precisa se apresentar dentro dos padrões eleitos pela sociedade para ser aceito. A autora realizou sua pesquisa nos salões de beleza afros e os entrevistados apontaram as formas de opressão vivenciadas em relação aos seus cabelos crespos. O pensamento social introjeta no negro uma relação de repressão com os seus corpos e cabelos, o que se inicia na infância quando a criança negra insere em sua subjetividade a importância da boa aparência, do corpo e do cabelo. Vale recordar o lugar de inserção social do negro nos fins do século XIX ao dialogarmos com Sodré (1998, p. 14):

A marginalização sócio-econômica do negro já se tornava evidente no final do século XIX através da sistemática exclusão do elemento de cor pelas instituições (escola, fábrica etc.) que possibilitariam a sua qualificação como força de trabalho com as exigências do mercado urbano. Essa “desqualificação” não era puramente tecnológica (isto é, não se limitava ao simples saber técnico), mas também cultural: os costumes, os modelos de comportamento, a religião e a própria cor da pele forma significados como *handicaps* negativos para os negros pelo processo socializante do capital.

A história do negro no Brasil configura-se pela marginalização social. As culturas negras são lançadas ao desafio de se manterem dentro de uma sociedade elitizada, que estigmatiza os elementos culturais africanos.

Nesse contexto demarcado pela exclusão emanada do racismo, nascem as falas culturalmente difundidas como “apesar da cor”, “é negro mas tem o cabelo bom”, “é preto mais é limpinho”, que vigoram entre os negros e que se alicerçam no significado social da limpeza, “de estar arrumado apesar de negro”. As imagens do corpo e do cabelo negro frente ao espelho da ideologia racista o condicionam a adotar um ideal de beleza branco. No Brasil do século XX, durante as décadas de 1920 e 1940, por exemplo, existia a confecção de produtos para alisamento encontrados em forma de pente quente e de pasta, chamado “Cabelisador”. Os estudos de Lopes (2011, p. 81) identificaram o incentivo ao embranquecimento das mulheres negras nos anúncios de alisamento: “Para ser elegante e moderna a mulher negra deveria apresentar-se não só de cabelos lisos, mas de cabelos compridos. Aderindo-se a esse cuidado com a carapinha, a mulher passava a ser considerada bonita.” Assim, vigorava a invenção de uma beleza moderna e esteticamente branca. Havia nos anúncios de propaganda da época modelos de beleza.

No século XX, o negro vivenciava as propagandas que alimentavam a suavização da cor, nos chamados estudos de beleza para “compleição escura”. As propagandas destinadas a mulheres de cor defendiam o cabelo suave e exuberante (o cabelo liso), conforme apresentou

o estudo de Giovana Côrtes (2012) sobre as representações femininas das mulheres negras em propagandas de clareamento da pele e crescimento capilar. Eram comuns propagandas que prometessem o embelezamento da mulher negra através do “esticamento dos fios”. O contexto dos anúncios evidenciava os estigmas sociais carregados pelos cabelos crespos. A mulher negra era obrigada a recorrer a inúmeras práticas de manipulação para o crescimento do cabelo ou o seu alisamento.

Com o avanço do tempo, o olhar do negro voltou-se para os negros dos Estados Unidos que se afirmavam enquanto negros através da militância política e estética, assumindo o cabelo crespo, dentro do estilo *black power*, e utilizando a tecnologia dos produtos étnicos importados. O cabelo como ato político torna-se símbolo da geração de ativistas negros das décadas de 1960 e 1970 no Brasil. O estilo *black* inaugurou no país o orgulho de ser negro e de ostentar através da estética negra novos espaços de recriação identitária. Uma reportagem da “Revista Raça Brasil” apresenta uma descrição das muitas formas de intervenção utilizadas pelos negros brasileiros:

E foi no início dos anos 90 que os produtos americanos invadiram as prateleiras do mercado brasileiro, trazendo a promessa do alisamento perfeito. A procura por eles foi bastante grande. Até então, o permanente afro era a grande saída para muitas mulheres que reclamavam do trabalho que o cabelo crespo dispensava. Muitas optavam por fórmulas milagrosas para dar “um jeito nos fios”. Mas, mesmo com os produtos importados, a queda capilar e os danos permanentes no couro cabeludo aconteciam com frequência, por causa da inadequação dos produtos de fora e do tipo de cabelo dos negros brasileiros. (CANTO, 2014, p. 3).

Atualmente, a emergência de novas formas de se fazer política através das chamadas *on-line* para encontros presenciais que discutem novos pensamentos relativos ao uso do cabelo crespo como tomada de consciência das raízes africanas.

Como consequência, vemos que cada vez mais homens e mulheres se assumem como negros, valorizando suas origens e a cultura afro-brasileira enquanto elemento de sua identidade negra. Assumir as características afro-brasileiras é iniciar uma autoafirmação construída a partir do corpo e do cabelo negro e definir-se com base em um pertencimento étnico-racial (mas é preciso atentar para o fato de que o uso dos cabelos crespos não simboliza uma identidade fortalecida). O cabelo crespo é eleito pelos coletivos como símbolo de lutas no processo da diáspora, pois estabelece dentro do contexto brasileiro mais do que um estilo e instaura um posicionamento, uma resistência aos estilos de moda da cultura dominante. Mulheres e homens ainda se veem vítimas de racismo e apontamentos relativos ao cabelo crespo. Luta-se cotidianamente tendo como suporte os penteados, cortes e estilos, para se impor através de sua cultura ressignificada no contexto da diáspora. Esse posicionamento

tomado a partir da consciência racial e oposição ao preconceito se dá em uma sociedade cujo racismo é velado, surge nos comentários, nas entrelinhas ou por meio de comparações pejorativas que tendem a ridicularizar o aspecto racial. No Brasil, existe uma forte correspondência entre cabelo crespo e racismo, o que fomenta a baixa autoestima da mulher negra. A depreciação da imagem de homens, mulheres e crianças oprime e fragmenta a identidade do sujeito.

Nessa perspectiva, a trajetória do negro com os seus cabelos crespos é demarcada por lutas em busca de uma representação positiva. A boa aparência e o embranquecimento foram ideologicamente somados à identidade do corpo negro. Na medida em que a identidade é formada também pela opinião dos outros, a maneira como a escola vê os negros implica na sua visão, criando preconceitos sobre a sua autoimagem, tornando-a distorcida. O processo de escravidão transformou seres humanos em coisas, subalternizando-os, e seu principal alvo foi o corpo transformado em objeto de trabalho, de castigos e abusos. As marcas desse passado são ainda associadas à imagem dos afrodescendentes.

A escola, como um espaço em que prevalecem diversas culturas, tem o papel de promover referenciais positivos a todas as culturas que ali coexistem e, no que tange à questão do negro, deve tratá-lo em sua integralidade, não destacando a escravidão como forma de inserção social desse grupo. Dentro desse espaço, há inúmeras representações sobre o negro que recaem, na maioria das vezes, sobre a questão estética. A aparência ganha, pela convivência no âmbito escolar, novos sentidos em que os padrões são lançados e impostos aos sujeitos. Dessa forma, o negro precisa entrar nessa exigência de arrumar o cabelo para se integrar às normas da instituição.

A obra “Estigma”, do cientista social Erving Goffman (1988), contribui para a análise das relações sociais, pois discorre sobre os meios que as sociedades criaram para categorizar as pessoas através de uma marca. Dentro da nossa sociedade a maioria das pessoas negras foram socializadas para fixar a ideia do cabelo crespo como parte de fenótipo negro, representando uma identidade negativa. Essa desqualificação acionou homens e mulheres a fugir de suas características estigmatizadas, e é nesse sentido que o autor contribui para pensarmos a questão do negro com o seu cabelo crespo. Segundo o autor:

O termo estigma foi criado pelos gregos e se referiam a sinais corporais feitos com corte ou fogo no corpo com o qual se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mal sobre o status moral de quem o apresentava. Na Era Cristã era associado a distúrbios físicos, e atualmente é sinônimo de uma desgraça evidenciada no corpo. (GOFFMAN, 1988, p. 11).

As relações sociais são estabelecidas por meio do contato com o outro que é imbuído de concepções acerca dos comportamentos, ocupação, modo de ser do indivíduo, as quais são chamadas de “identidade social virtual” do indivíduo, pois são expectativas lançadas à outra pessoa, enquanto que suas características reais são mantidas na sua “identidade social real”. Desse modo, quando nos deparamos com algo dessa identidade que não se encontra dentro dos critérios eleitos como aceitáveis para a convivência com o outro, o indivíduo é excluído do *status* de normalidade e recebe o estigma, a marca de sua anormalidade. O estigma pode ser traduzido como algo que não consideramos bom, que foge dos padrões aceitáveis para que se possa manter a convivência com outro. Ele também pode ser utilizado para desconstruir os estereótipos que criamos. Além disso, os atributos que estigmatizam alguém servem para confirmar a normalidade do outro a partir das comparações identitárias.

Partindo dos conceitos de Goffman (1988), desenvolvidos a partir da década de 1960, houve no Brasil as construções históricas a respeito do cabelo crespo, considerado “ruim”, quando comparado ao cabelo do branco europeu. O corpo e o cabelo crespo foram estigmatizados dentro das relações estabelecidas sob a base do colonialismo. O estigma impresso sobre o corpo negro produz o desejo de ocultar ou negar as características físicas consideradas ruins. Como discorre Goffman (1988, p. 16):

O indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos; isso é fato central. Seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é podem confundir a sua sensação de ser uma “pessoa normal”, um ser humano como qualquer outro, uma criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima.

O estigmatizado incorpora à subjetividade a crença na sua inferioridade. O cotidiano endossa os sentimentos de baixa autoestima, pois circula socialmente a ideia de que sua aparência e o seu cabelo são feios, ruins e estão fadados às intervenções químicas e aos processos de embranquecimento. O termo “cabelo crespo” para o negro, na perspectiva do “estigma”⁴³, pode ser classificado em nossa sociedade como um marcador de desigualdade, algo fora dos padrões aceitáveis, o que afeta as relações sociais do indivíduo. O cabelo crespo recebe rótulos, marcações que estabelecem uma diferenciação negativa. A partir dessas considerações busca-se fugir das identidades consideradas negativas voltando-se para as práticas de manipulação do cabelo. O corpo pode ser reinventado, pode ser manipulado, mas é preciso salientar a importância de práticas corporais que sejam realizadas sem se ater a

⁴³ Ao usar o conceito de “estigma” de Goffman (1988), não pretendo alocar o negro e os seus elementos corporais dentro do *status* imutável, naturalizado. Tal conceito nos auxilia na abordagem sobre a visão social que o senso comum impõe sobre o povo negro e o processo de construção do sujeito excluído.

imposições ou padrões. Nesse passo também destaco que a visão racial da sociedade sobre o cabelo crespo está sendo positivada, posta em reflexão e dentro dessas novas abordagens está sendo redefinida a ideia do branco como modelo de beleza.

O cabelo crespo é parte constitutiva da identidade étnica negra. A etnicidade aciona o sentimento de pertença a determinado grupo, sua língua, história comum, que explica a origem daquele grupo étnico-racial. Assim, os cabelos crespos fazem parte de um conjunto de símbolos étnicos que fortalecem a etnicidade dos negros brasileiros.

A partir disso, apresento o espaço da creche a fim de entender como acontecem as experiências das crianças negras com os seus cabelos crespos por meio das relações raciais no âmbito escolar. De acordo com Fanon (1968), os negros são construídos como negros; a colonização, portanto, não requer apenas a subordinação material, mas os meios pelos quais as pessoas devem se expressar e se entender. A partir do pensamento do autor, é possível concluir que o racismo que estrutura as sociedades modernas enfatiza os valores do branco em detrimento da cultura africana, desvalorizando a estética negra.

Esse racismo pode ser percebido na educação infantil. Por meio das observações em uma escola municipal, verifiquei que a visibilidade dada à criança negra é marcada pelos apontamentos à sua aparência, com destaque ao seu cabelo, alvo de piadas e comparações pejorativas que são silenciadas pela escola. O pertencimento racial nessa experiência de construção da identidade gera um sentimento de inferioridade que persegue a sua trajetória enquanto negro, visto que as formas de racismo operam muitas vezes por meio de mecanismos discriminatórios, como apelidos destinados ao cabelo e à cor da pele.

O deslocamento da criança negra do seu universo familiar a coloca em situações cuja diferença e outros padrões estéticos surgem e se configuram como uma “beleza única”, em detrimento da diversidade fenotípica. Assim, a convivência com o outro pode gerar situações em que sua estética não é valorizada, mas colocada em questão, como algo que deveria ser transformado para se aproximar de um ideal de beleza branco.

A discriminação sofrida pela criança em relação à sua aparência é introjetada na formação de sua identidade causando baixa autoestima e sentimentos de inferioridade em relação ao branco e os seus padrões de cultura e beleza. Os estudos de Gomes (2002, p. 45) evidenciam que “os apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e na adolescência.”

Esse fato foi identificado na escola Império da Paz através da pesquisa realizada no âmbito da educação infantil com crianças de 5 anos, negras, que já sofriam com a visão social

que se tem acerca de sua origem, cultura e religião, sendo alvos de preconceito em relação às suas características físicas, como o cabelo, e de exclusões durante as brincadeiras. Além disso, ao estabelecer a intervenção pedagógica durante a investigação, trazendo como foco a questão da aparência (cabelo e corpo), percebi a insatisfação das meninas em possuir o cabelo crespo, pois, na visão social, o belo se encontra no fenótipo do branco.

A educação infantil, como primeira etapa da educação básica, tem o objetivo de promover o desenvolvimento da criança, contemplando os aspectos físicos, psicológicos e afetivos sem distinção de classe, gênero e etnia; propicia que a diversidade étnico-racial possibilite a construção da autoestima da criança negra através de referências positivas que também proporcionam às crianças brancas a formação de uma nova visão. Esta deve demonstrar que não é apenas a sua cultura e aparência que são bonitas e que existem outros povos cuja importância deve ser respeitada e valorizada pela sua contribuição para a formação do Brasil.

A identidade traz consigo valores e características que vão vincular o nosso pertencimento a determinado grupo social. As identidades que possuímos são construídas a partir das relações sociais. Segundo Seyferth (1995, p. 61):

Os signos étnicos e raciais, os regionalismos, são particularmente eficientes como critérios classificatórios no estabelecimento de identidades sociais. Eles não são unívocos nessa determinação, mas onde existem, podem se configurar como dimensão fundamental da classificação social de indivíduos e grupos.

A formação identitária da criança perpassa a escola, que se constitui como o segundo ambiente de socialização depois da família. Nesse espaço, torna-se evidente a diversidade de pessoas, costumes, religiões, traços plurais oriundos de diversos grupos presentes no mesmo ambiente. Ao explorarmos as diversas matrizes formadoras do Brasil, tem-se uma gama de povos, detentores de uma cultura única que deve ser valorizada pela escola de forma a criar igualdade de condições para todas as crianças se reconhecerem como parte de uma sociedade multicultural.

Durante todo o processo de universalização da criança negra, a instituição escolar manteve apenas a existência da referência histórica e cultural do colonizador, que era o branco, católico, proveniente de uma origem exaltada como superior em detrimento das demais. A contribuição positiva dos índios e negros e de uma série de outros povos para a formação nacional era marginalizada pelo contexto escolar, o que reforçou preconceitos existentes historicamente em decorrência da escravidão.

A posição de escravo, subalterno, comercializado como mercadoria humana vigorou nos livros didáticos, assim como no imaginário da população branca e não branca. O segundo grupo, em seu percurso, encontrou em todas as instituições tratamentos diferenciados no que tange à saúde, à educação, ao respeito pelo seu fenótipo, pelas suas tradições e valores originados de sua ancestralidade africana. A visão predominante no país construiu uma hierarquia, na qual os negros existiam como classe inferior e, portanto, desvinculada de aspectos positivos. Tal visão pejorativa enquadrou os negros em uma atmosfera de preconceitos e discriminações que os fazem ocupar bolsões de pobreza no Brasil. A desigualdade efetivada no pós-abolição mascarou a importância da contribuição dos africanos e afro-brasileiros para a nossa sociedade. Cabe hoje à escola retratar a contribuição técnica, artística e científica dos negros como também os movimentos de insurreição e contestação na busca de direitos civis igualitários no Brasil e no mundo.

A identidade do negro foi estigmatizada através de imagens depreciativas, dando origem a um processo de “marcas” de forma negativa. Nesse sentido, o estereótipo é uma das formas de se promover o racismo, pois se constroem critérios aceitáveis e inaceitáveis. Um exemplo são os termos utilizados pelo senso comum, como “pessoa de cor”, “escurinho”, “crioulo”, “mulato” (originário de mula), “cabelo pixaim”, usados para nomear os afro-brasileiros de maneira discriminatória, criando a estigmatização de sua identidade.

O modo depreciativo como são tratados os negros produz efeitos negativos em sua trajetória e na de outros grupos que têm seus preconceitos alimentados pela visão construída historicamente, visto que o racismo à brasileira é de marca, ou seja, quanto mais próximo do estereótipo branco, mais aceitação o sujeito possui, o que causa a negação de uma raiz africana, fazendo o negro querer se aproximar de um estereótipo livre de preconceitos.

A identidade é o reconhecimento que o sujeito tem de si, assim como também é parte do reconhecimento que o outro realiza; é através dela que ocorre o processo de construção da personalidade. São nas interações sociais que surgem os valores e conceitos fundamentais responsáveis pela inserção do indivíduo em um dado grupo social. É dessa forma que as crianças constroem sua autoimagem; a partir da convivência com a pluralidade, ela percebe suas especificidades. Por isso, a convivência com a diversidade deve ser trabalhada em sala de aula a fim de abordar as diferenças de modo positivo.

Dentro do contexto da educação infantil, o cuidar e o educar, ao se constituírem como parte integrante da educação destinada à primeira infância, são também a forma como os professores podem gerar ações de reeducação das relações raciais, haja vista que as indagações acerca das diferenças de texturas de cabelo e tom de pele aparecem nessa fase e

podem ser colocadas de maneira positiva ou negativa, conforme forem abordadas pela escola e pela família, que é a primeira referência da criança. A criança de 4 anos de idade já possui percepções a respeito da diferença e se as suas próprias especificidades e as do outro forem colocadas de modo negativo, pode introjetar concepções já arraigadas no imaginário e na realidade social, cristalizando-as. Além disso, a instituição escolar possui em seu meio o silêncio em relação à questão racial, o que promove a inclusão de crianças negras de maneira diferenciada, acentuando, assim, as formas de racismo em seu cotidiano.

Sabe-se que a realidade nacional traz para as creches e pré-escolas uma diversidade étnico-racial, em que prevalece uma gama de estereótipos, culturas e religiões que constituem a identidade de bebês e de crianças pequenas e que não podem ser negligenciados pela escola. O ingresso do negro no sistema educacional brasileiro é uma das conquistas do movimento negro. O sistema de ensino, em decorrência das novas demandas sociais, passou a reconhecer a diversidade racial e a criar meios de se promover no espaço escolar o acolhimento de todas as culturas, etnias e religiões. Porém, mesmo com esse reconhecimento, existem estudos que comprovam a ideia de que a trajetória escolar da criança negra é mais acidentada que a da criança branca.

5.8 Os caminhos para uma educação antirracista na educação infantil

No sistema de ensino o racismo estruturante apresenta-se em seus vários níveis, como a educação infantil na qual os apontamentos sobre a aparência surgem na fala do outro. Soma-se a isso o fato da pouca representação do negro nos livros infantis e nos brinquedos aos quais as crianças têm acesso, o que gera a predominância da cultura branca em detrimento dos elementos culturais do povo negro. Como foi constatado em minha pesquisa monográfica (BRAGA, 2013), o racismo protagoniza na primeira infância a rejeição aos sinais corporais que indicam o seu pertencimento étnico-racial.

A educação infantil, que compreende a faixa etária de 0 a 5 anos, é de suma importância para o desenvolvimento, a construção identitária e os avanços no sistema de ensino. Esse período caracteriza-se pela junção do cuidar e do educar como eixos estruturantes da educação na primeira infância. O contexto político-pedagógico do sistema educacional reconhece a primordialidade dessa fase para a criança, a qual, desde pequena, precisa de condições materiais e afetivas para se desenvolver de modo saudável. Através da educação e do cuidado dos seus frequentadores, a educação infantil deve estabelecer práticas

e ações que valorizem as suas especificidades. Essa etapa está para além do cuidar/educar, pois consiste nas primeiras experiências das crianças no sistema de ensino, devendo primar pela valorização da diversidade. Conforme dialogam Siss e Barreto (2012, p. 52) sobre a importância da formação do professor para a construção de uma educação antirracista:

O sistema educacional no Brasil reproduz, com frequência, práticas discriminatórias racializadas e racistas. Existe um círculo vicioso que combina racismo, pobreza e fracasso escolar e marginalização social. A soma dessas práticas impede o desenvolvimento dos direitos humanos, o exercício pleno da cidadania e a possibilidade de participação social, econômica, cultural e política do segmento populacional negro, majoritariamente aí inserido de forma subalternizada, o que torna urgente e inadiável a construção de uma política de formação de professores em seus aspectos inicial e continuado, baseado em princípios antirracistas, que valorizem a diversidade, a equidade e a justiça social.

O ensino da diversidade é um dos anseios do movimento negro, pois a educação é um aparato para a mobilidade social e a revitalização da autoimagem do negro. As instituições que atendem a primeira infância devem cumprir ações que favoreçam a socialização entre pares, grupos, trocas afetivas entre crianças e entre estas e os adultos, de modo que se permita à criança vivências saudáveis que a propiciem conhecer, se integrar e descobrir o mundo através do lúdico.

Ao considerarmos a diversidade étnico-racial, damos um passo inicial em direção ao cumprimento da lei nº 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96) e torna obrigatório que os sistemas de ensino garantam a todos o acesso aos conhecimentos históricos sobre a contribuição dos povos africanos e afro-brasileiros para a construção do Brasil. Dessa maneira, estamos alicerçando dentro da sala de aula relações pautadas no respeito às diferenças estéticas, corpóreas, culturais e religiosas dos alunos. De acordo com Gonçalves e Ribeiro (2012, p. 22):

O cuidado com as relações interpessoais entre docentes e discentes orientadas por práticas antirracistas, a produção de material didático que reflita a diversidade étnico-racial brasileira, o desenvolvimento de planos políticos pedagógicos com foco antirracista, entre outros procedimentos, são pressupostos para a construção de uma educação antirracista e uma sociedade mais justa e sem desigualdades raciais.

Entendo, assim, que as mudanças no sistema de ensino advindas do reconhecimento da diversidade se colocam como aspectos importantes para a construção de uma educação que favoreça o fortalecimento da autoestima da criança negra. Esta sofre discriminação atribuída à sua história, ao seu corpo, cabelos, traços físicos, desenvolvendo sentimentos de inferioridade em relação a si mesma. Ela cresce aprendendo a valorizar a estética do branco em detrimento

da sua estética, interiorizando que a beleza está no outro, naquele que é branco, que possui cabelos lisos e traços europeus.

Com isso, reconhecer a diversidade implica simultaneamente em reconhecer a existência do racismo e de práticas cotidianas que silenciam a questão racial no espaço educacional. Ao considerar a criança e suas particularidades, também é preciso atentar para as situações que são reproduzidas pela escola. Por essa razão, a educação infantil deve refletir sobre a vida da criança negra de maneira positiva, assegurando-lhe educação, confiabilidade e respeito, pois a primeira infância vivida nos espaços da creche e da pré-escola é um elemento importante para o prosseguimento da vida escolar. Desse modo, volto o olhar novamente para o professor como um importante elo na luta antirracista, pois suas ações podem contribuir fortemente para relações raciais saudáveis, pautadas no respeito às diferenças e na valorização do outro. Uma pedagogia antirracista abre para as próximas gerações outras perspectivas de existência no mundo, pois ela tem a função de promover possibilidades positivas. Quando trago para o texto a ideia de possibilidades positivas vou ao encontro da construção no cotidiano escolar de uma outra imagem da África, das nossas origens, dos nossos cabelos.

A próxima seção propõe os caminhos para uma educação antirracista, que respeite as diferenças e tenha na literatura, nos brinquedos, nas artes e nas músicas intervenções pedagógicas que valorizem as crianças negras.

5.9 Caminhos da autoestima: literatura infantil, artes, músicas, linguagem oral/escrita e brinquedos por uma educação antirracista na creche

O racismo permeia o imaginário social e suas marcas encontram-se na escola, no currículo escolar, nos materiais didáticos dotados de estereótipos raciais. Essas situações contribuíram para a promoção do racismo. A luta antirracista tem no currículo um importante aliado para a renovação das práticas escolares. O processo histórico de lutas proporcionou o direito a um ensino que contemple a diversidade étnico-racial, com a lei nº 10.639/03. Cabe à educação infantil se tornar um ambiente de aprendizagens que valorizem a diversidade brasileira e ensine o respeito ao outro. Para o público infantil, a linguagem corporal do adulto transmite referências. Diante disso, é importante promover as práticas que favoreçam o respeito à singularidade de cada criança e seus aspectos corporais e culturais.

Através da literatura infantil, da musicalidade, da arte e dos brinquedos é possível realizar abordagens de forma positiva. A literatura tem produzido histórias que abordam a

temática africana para o público infantil, trabalhando histórias, origens, lendas que dizem respeito à ancestralidade dos africanos e afro-brasileiros. Entre essas histórias, ressalto as que tratam do tema “cabelos crespos” e as que possuem a criança negra como protagonista.

Destaco as seguintes produções:

- “As tranças de Bintou” (DIOUF, 2010) – relata as fases de transição da infância para a adolescência em meio aos desejos de uma criança de fazer tranças em seus cabelos, deixando para trás os birotos (pequenos coques) que os enfeitam;
- “O mundo no *black power* de Tayó” (OLIVEIRA, 2013) – conta a história de uma menina cheia de autoestima, que enfeita seus cabelos das mais diversas formas, enfrentando as agressões dos colegas de escola que chamam o seu cabelo de “ruim”;
- “Menina bonita do laço de fita” (MACHADO, 2000) – traz debates concernentes à autoestima da criança negra e à valorização da diversidade, ressaltando a beleza da menina negra;
- “O cabelo de Lelê” (BELÉM, 2008) – narra a história de uma menina que não gostava de seus cachinhos e que vai descobrindo as origens de seus cabelos cacheados;
- “O menino marrom” (ZIRALDO, 1986) – conta a história da amizade e relações raciais na infância entre dois meninos, um negro e um branco, que vão em busca de descobertas sobre os mistérios das cores;
- “Bruna e a galinha d’angola” (ALMEIDA, 2000) – retrata o mundo de misticismo africano, o qual tem ligação com a galinha angolana na criação do universo;
- “Princesa Arabela, mimada que só ela!” (FREEMAN, 2008) – narra a história de uma princesa negra, com os personagens do reino também negros, o que oferece às crianças contos nos quais o negro é protagonista;
- “Meninas negras” (COSTA, 2007) – versa sobre três meninas negras, sua beleza, o vínculo com a África e os desejos de ouvir e aprender histórias.

Além da literatura, a música e artes são instrumentos que compõem a luta de uma educação antirracista dentro da creche a partir de materiais e brinquedos. As crianças pequenas aprendem por meio da brincadeira, é desse modo que ela descobre o mundo. Nesse sentido, é de suma importância que as referências infantis estejam nos brinquedos dispostos na sala, nos livros infantis adequados a cada faixa etária. A busca de uma educação para as relações étnico-raciais tem nos livros, nos materiais e nos brinquedos um importante aparato

pedagógico para promover a valorização identitária do povo brasileiro. As Orientações Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) reafirmam o seu compromisso com a criança pequena com base em orientações que visam proporcionar aprendizagens e o desenvolvimento infantil. Seguindo esse documento, trago sugestões de brinquedos e materiais que podem ser utilizados no espaço do berçário, pois agregam a faixa etária de 3 meses a 2 anos de idade.

5.10 Sugestões pedagógicas para uma educação antirracista

Os itens foram escolhidos com o objetivo de propiciar ao alunado branco e não branco o acesso aos valores culturais e históricos do povo negro. Desse modo, os alunos reconhecerão as influências africanas no Brasil e a importância da África para arte, música e literatura brasileira.

➤ Artes

Sugiro o uso dos seguintes materiais para os trabalhos de arte: lápis, giz de cera e canetas grandes, papéis de diversas cores, texturas e formatos variados; pincéis grandes e pequenos, colas em bastão; recipientes grandes com diversos recortes de formas geométricas, animais e pessoas, revistas para rasgar e colar.

Nessas atividades, a criança é estimulada a desenvolver sua linguagem artística ao desenhar e estabelecer através do desenho sua leitura de mundo. Para isso, as formas, cores e materiais propiciam que a criança crie, aprecie sua produção. A linguagem artística também pode ser explorada para habituar a primeira infância a conviver com a diferença através de revistas que mostrem pessoas negras, brancas e indígenas.

➤ Música

Para as atividades musicais, sugiro utilizar: instrumentos como tambores, sinos, pianinho, coquinho, triângulo, pauzinho, guitarras, xilofones; objetos com sons variados, CDs de músicas infantis.

A música é muito importante para a socialização, pois os sons fazem parte do processo de interação e descoberta dos bebês e crianças que já trazem consigo um repertório de conhecimentos musicais, originados do lugar onde vivem. A educação infantil pode e deve estimular a ampliação do conhecimento de mundo infantil ao trazer para a creche

instrumentos e músicas diversificadas. A proposta é pesquisar sobre instrumentos de origem africana e confeccionar alguns deles com materiais alternativos, como sucatas e, juntamente com as crianças, realizar a exposição desse trabalho e a explicação/descrição da origem dos instrumentos.

➤ Linguagem oral e escrita

Quanto ao estímulo à linguagem oral e escrita, indico: dispor brinquedos que representem a diversidade na sala, como por exemplo, bonecas negras; incentivar as crianças a manipularem brinquedos diversificados; utilizar fantoches negros para a contação de lendas africanas; construir um palco para teatrinho com fantoches; montar painéis e murais para exposição das atividades feitas com as crianças; expor fotografias das crianças e de suas famílias; trazer livros de pano, papel e plástico, revistas e gibis.

A criança aprende por meio do faz de conta; os livros, revistas, brinquedos ajudam a construir a imaginação. Os materiais dispostos permitem a elaboração da brincadeira, a interação com as demais crianças e a possibilidade do professor inserir práticas que ressaltem a positividade de todas as culturas presentes no contexto da educação infantil. As experiências ali vividas devem ser asseguradas com base no respeito às diferenças. A tarefa dessa proposta pedagógica é construir uma educação antirracista dentro da educação infantil ao utilizar a literatura infantil para a contação de histórias que tragam como protagonistas personagens negros. Ademais, indico a promoção de brincadeiras e produções artísticas e musicais que permitam a criança experienciar o mundo tendo contato com a diversidade de fenótipos, de instrumentos, de cores, lugares, histórias que em conjunto atuam para a promoção de relações positivas na primeira infância.

CONCLUSÕES

Esta dissertação originou-se de minha monografia de conclusão de curso de graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação da UERJ (BRAGA, 2013), realizada em uma creche do município do Rio de Janeiro. A etnografia apresentada nesta dissertação utilizou o cabelo crespo, enquanto marcador étnico-racial entre crianças da educação infantil, como temática principal dentro do campo de análise das relações étnico-raciais no ambiente escolar.

Neste trabalho focalizei especificamente as relações existentes entre os sujeitos que fizeram parte desse campo, a fim de descrever como se efetivavam as relações raciais entre adultos e crianças, além da relação entre os próprios adultos com ênfase nas experiências com o cabelo crespo das crianças. Como educadora e pesquisadora, tentei estabelecer dentro da pesquisa um olhar orientado pelas investigações científicas que me guiaram e também por minhas visões de educadora em busca de conhecimentos significativos para o campo em construção das relações étnico-raciais na primeira infância.

Desse modo, sob a luz da literatura de Frantz Fanon (1968), operei com a noção de racismo como estruturante das relações raciais na creche, pois este se apresenta na educação infantil conduzindo as ações, os discursos e as práticas dos profissionais da educação, assim como a conduta dos responsáveis pelas crianças. Da mesma forma, é possível localizar o racismo nas grandes mídias que o reproduzem, nas músicas, na internet, nos filmes e nas novelas, nas representações negativas e estereotipadas das pessoas negras. O pensamento fanoniano forneceu o arcabouço teórico para refletir sobre as relações raciais na primeira infância, pois as crianças negras sofrem precocemente com os apontamentos relativos ao seu cabelo crespo. Tais atribuições corporais culminam na fragmentação identitária de nós, negros, e nas futuras práticas de embranquecimento e fuga do pertencimento racial. Dessa maneira, expus a reflexão sobre o corpo negro dentro das estruturas sociais emaranhadas pela violência racista que sustenta as relações entre brancos e negros no Brasil. Discuti o racismo frente ao cabelo crespo presente nas mídias, músicas e filmes e também destaquei o movimento antirracista de valorização dos elementos identitários do negro, apresentado em letras de músicas nacionais e nos *blogs*.

Assim, o cenário estudado, os seus sujeitos e as questões relativas à pesquisa num ambiente em que sou docente e pesquisadora me permitiram lançar mão das reflexões que me guiaram dentro do campo de trabalho supostamente conhecido, o que desencadeou a construção

de uma nova visão, considerando que, neste processo de investigação da relação entre adultos e bebês negros, busquei entender como o corpo negro é tratado no espaço da creche onde são construídas as primeiras experiências da criança com os seus cabelos crespos e o seu corpo.

Por meio da contribuição de Fanon, compreendo que o nosso corpo negro é também significado socialmente através das referências do mundo branco. As conclusões do autor retiradas das relações estabelecidas nas sociedades colônias permanecem nas sociedades atuais. As referências da criança negra dentro da sociedade são diferentes daquelas da criança branca. O universo público é marcado pela dominação europeia e os seus valores. Os elementos midiáticos que a cercam na infância, como livros, brinquedos, filmes e programas de TV valorizam o fenótipo branco. Assim, a criança negra cresce dentro de um complexo de inferioridade que ganha suporte dentro do sistema formal de educação onde ela recebe uma educação corporal pautada em uma pedagogia racista. Ao tomar a visão de Fanon, é possível entender que as experiências dos bebês negros ocorrem diante de um ambiente que oferece a formação de uma consciência não valorativa de seus cabelos, de seu fenótipo. O cabelo como marcador de pertencimento a uma identidade negra, da diferença, é tratado no espaço da creche como um marcador de desigualdade, algo que precisa ser transformado, aproximado do padrão estético branco. E essa visão é comum entre aos profissionais da educação e a maioria dos responsáveis pelos bebês. Cabe destacar que, nesta investigação, encontrei o que chamo de contraideologia. Esse discurso politizado pode ser identificado nos movimentos de mulheres negras.

A compreensão dos mecanismos de sustentação do racismo contemporâneo pode ser vista e percebida na educação dos corpos. A ideia de um corpo poder ser mais bonito a partir da adoção de um modelo estético criado pelos grupos dominantes. Nesse cenário onde a referência das crianças são os seus educadores e as ações de outros bebês, vemos a “imitação prestigiosa” (MAUSS, 2003) ser reproduzida pelos corpos que esperam ser cuidados e elogiados como um corpo branco. O corpo nos coloca em contato com o mundo e com o outro. O racismo é produtor de uma determinada visão do corpo negro onde ele converge e aplica a pedagogia corporal europeia. Nesse sentido, os bebês já carregam em seus corpos a ação familiar sobre os seus cabelos, pois muitas crianças já sofrem intervenções químicas visando o alisamento. Além disso, os responsáveis reproduzem nas suas falas e ações o conceito de beleza que mais tem aceitação social, que é o de se ostentar cabelos lisos. E o apelo a esse corpo embranquecido tem dentro da creche um reforço, pois os profissionais que cuidam e educam esses bebês cresceram dentro de uma sociedade estruturada pelo racismo e pela ideia de um modelo estético do corpo calcado na higiene e beleza do mundo branco.

Nesta dissertação, foi visibilizada a existência de ações por partes dos educadores muitas vezes desprovidas de reflexão, ou seja, deparei-me com práticas racistas reproduzidas dentro da educação infantil. Em vários momentos, percebi a existência de um culto ao embranquecimento, aos padrões europeus de brancura, verificado nos detalhes de cuidados com o corpo e com o controle dos cabelos, fazendo com que o cabelo crespo precisasse ser penteado e arrumado de uma determinada forma. Além disso, as falas e os discursos trazem contradições a respeito dos “cuidados de si” e dos cuidados requeridos para os bebês. Circulava a ideia da boa aparência e o enquadramento dos corpos ao que é socialmente esperado em termos de estética adequada. Somado a isso, há na primeira infância a utilização de apelidos aos corpos dos bebês (como pixaim, fofa, buchanchuda), o que levanta a reflexão sobre a precocidade da manifestação do preconceito em relação à estética. O cuidado na infância é fundamental para a criança aprender a importância do banho, sentir-se limpa e bem cuidada. Porém, a discussão sobre cuidados aqui se refere aos aspectos associados ao processo das primeiras experiências dos corpos negros na creche, corpos que nascem dentro de um sistema calcificado pelo racismo e pelos seus mecanismos sutis de opressão. Dentro dessa perspectiva, o lugar da beleza e dos cuidados estéticos faz parte da complexidade de ser negro na sociedade contemporânea.

Constatai a presença de um conflito racial na primeira infância quando tratei sobre a relação entre adultos e bebês e as concepções dos adultos em relação aos indicadores de pertencimento racial das crianças. Nas entrevistas com as mães e avós dos bebês, observei que partem da família os discursos sobre “alisar a fim de endireitar o cabelo crespo”, deixando entender a precocidade da existência do racismo na infância e a sua reelaboração na educação. Os profissionais da educação, na maioria das vezes, reproduzem em suas ações e falas a ideia de ser positivo o relaxamento e alisamento na criança pequena, pois a intervenção química promoveria melhorias na textura do cabelo. Assim, centra-se de maneira muito forte o desejo de aproximação com o padrão estético branco. As pessoas que cercam essa primeira infância na creche carregam em seus corpos um discurso que proclama o bem-estar apenas quando se tem cabelos lisos. E isso se concretiza até no mundo como elas se aproximam dos bebês e o descrevem – o que revela a estrutura racista que sustenta a sociedade e é reproduzida na creche.

No contexto pesquisado, verifiquei o quanto é emblemático ser negro e acreditar-se branco por ser mais claro, e o quanto isso conduz o pensamento e as ações frente às crianças. Com isso, anuncio as conclusões sobre o estudo e parto para a defesa de uma educação interventora, que proporcione à criança negra acesso a saberes que propiciem a valorização de

seu corpo, de seus cabelos crespos, de sua cultura e estar no mundo. Aos professores e demais profissionais da educação cabem o recebimento de formação para trabalhar com as diferenças, de modo que sua atuação favoreça a criação de mecanismos para se efetivar uma pedagogia antirracista na primeira infância. Afinal, a infância ao ser “descolonizada” anunciará um novo movimento em que todos poderemos soltar os nossos cabelos crespos e um traço marcador de diferença não será tratado como marcador de desigualdade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gercilga. *Bruna e a galinha d'angola*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- ALFREDO, Olegário. *O pente penteia*. Ilustrações de Iara Rachid. Belo Horizonte: Penninha Edições, 2015.
- A NEGAÇÃO do Brasil. Direção: Joel Zito Araújo. Casa de Criação, 2000. DVD (90 min).
- BABO, Lamartine; Irmãos Valença. *O teu cabelo não nega*. 1931.
- BARBOSA, Paulo. *Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história*. Brasília: Abravídeo, 2015.
- BELÉM, Valéria. *O cabelo de Lelê*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.
- BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), 2012.
- BRAGA, Aline de Oliveira. *A criança negra na educação infantil: construindo uma educação antirracista*. 2013. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 12 out. 2008.
- _____. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, DF: SEF, 1997.
- _____. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.
- _____. Ministério da Educação. *Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais*. Brasília: SECAD, 2006.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília, DF, 2010.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil*. Brasília, DF: UFSCar, 2014a.

BRASIL. Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. *As desigualdades na escolarização do Brasil: Relatório de Observação nº 5*. Brasília, DF, 2014b.

CALDAS, Luís; CAMAFEU, Paulinho. *Fricote*. 1998.

CAMAFEU, Paulinho; MARQUES, Bell; MARQUES, Wadinho. Meu cabelo duro é assim. In: CHICLETE COM BANANA. *O essencial de Chiclete com Banana*. São Paulo: Sony, 1999.

CANTO, Claudia. Cabelo afro, ontem, hoje e sempre. *Revista Raça Brasil*, edição 164, abr. 2014. Caderno Identidade, p. 3. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/164/artigo251510-3.asp/>>. Acesso em: 20 maio 2015.

CASTRO, Marx; SEU JORGE. *O nego do cabelo bom*, 2002.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Summus, 2000.

COELHO, Ronaldo Simões. *Cinderela e Chico Rei*. Adaptação de Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho. Ilustrações de Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

CORES e botas. Direção de Juliana Vicente. São Paulo: Preta Portê Filmes, 2010. 16 min.

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. *Branças de alma negra? Beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930)*. 2012. 464 f. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

COSTA, Madu. *Meninas negras*. Desenhos de Rubem Filho. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

COSTA, Madu. *Zumbi dos Palmares em cordel*. Ilustrações de Josias Marinho. Desenhos de Rubem Filho. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *Aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978. p. 23-35.

DIOUF, Sylviane A. *As tranças de Bintou*. Ilustrações de Shane W. Evans. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOGAÇA, Ademir. Cabelo crespo. In: RICARDINHO. *Volume 1*. 2003.

FREEMAN, Mylo. *Princesa Anabela, mimada que só ela!* [S.l.]: Editora Ática, 2008. (Coleção Giramundo).

GALDINO, Maria do Carmo. *Mãe dinha*. Desenhos de Rubem Filho. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia: métodos de pesquisa sociológica*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GLAT, Rosana (Org.). *Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2014.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. Quem será a Branca de Neve? In: VALLE, Lilian do (Org.). *O mesmo e o outro da cidadania*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 59-86.

_____; RIBEIRO, Ana Paula Alves (Org.). *História e cultura africana e afro-brasileira na escola*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012.

GOHN, Maria da Gloria. 500 anos de luta social no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. *Mediações*, Londrina, v. 5, n. 1, p. 11-40, jan./jun. 2000.

GUIMARÃES, Daniela. *Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 103-133.

HENRIQUES, Ricardo. *Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação*. Brasília: Unesco, 2002.

HOOKS, bell. Alisando o nosso cabelo. *Revista Gazeta de Cuba*, Unión de Escritores y Artistas de Cuba, jan./fev. 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em: <<http://coletivomarias.blogspot.com.br/2008/05/alisando-o-nosso-cabelo.html>>. Acesso em: 3 ago. 2014.

JACCOUD, Luciana. O combate ao racismo e à desigualdade: o desafio das políticas públicas de promoção da igualdade racial. In: THEODORO, Mário (Org.). *As políticas públicas e a desigualdade social no Brasil: 120 anos após a abolição*. Brasília: IPEA, 2008. p. 131-166.

LARISSA, Andrade. *Lápis de cor*. Documentário, 2014.

LODY, Raul. *Cabelos de axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2004.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. *Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana 1920-1940*. São José: Premier, 2011.

- LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto Alegre, n. 25, p. 235- 245, 2007.
- MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 7. ed. [S.l.]: Editora Ática, 2000.
- MALACHIAS, Rosângela. *Cabelo bom. Cabelo ruim*. São Paulo: NEINB, 2007. (Coleção Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola, 4).
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- _____. *Mauss e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MIRANDA, Maria Aparecida; MARTINS, Marilza de Souza. *Maternagem: quando o bebê pede colo*. São Paulo: NEINB, 2007. (Coleção Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola, 2).
- MONTEIRO, Linderval Augusto. A Baixada Fluminense em perspectiva. *Anos 90*, Porto Alegre, v.12, n. 21/22, p. 487-534, jan./dez. 2005.
- MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. Brasília: MEC/SECADI, 2005.
- OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e “paparicação”. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 209-226, 2010.
- OLIVEIRA, Kiusam. *O mundo no black power de Tayó*. Ilustrações de Taisa Borges. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.
- PELO Malo. Roteiro e Direção de Mariana Rondón. Venezuela: Hanfgarn & Ufer Film und TV Produktion, 2014. 93 min. son., color.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. Subsecretaria de Ensino, Coordenadoria de Educação, Gerência de Educação Infantil. *Orientações Curriculares para a Educação Infantil*. Rio de Janeiro, 2010.
- RODRIGUES, Martha. *Que cor é a minha?* Desenhos de Rubem Filho. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- ROJO, Luiza Martins. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Tradução de Vera Lúcia Josciyne. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto do debate sobre infância e relações raciais. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, 2012. p. 11-46.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *O saber do negro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade, território e pertencimento. *Psicologia e Práticas Sociais*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 57-72, 1995.

SEYFERTH, Giralda. O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre o racismo. In: _____. *Racismo no Brasil*. São Paulo/Petrópolis: ABONG, 2002.

SILVA JÚNIOR, Hédio. Anotações conceituais e jurídicas sobre educação infantil, diversidade e igualdade racial. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: CEERT, 2012. p. 65-80.

_____; BENTO, Maria Aparecida Silva; CARVALHO, Silvia Pereira de (Coord.). *Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial*. São Paulo: CEERT, 2012.

SISS, Ahyas; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa. Formação de professores com foco na educação das relações étnico-raciais com vista a justiça social. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende; RIBEIRO, Ana Paula Alves (Org.). *Diversidade e sistema de ensino brasileiro*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012. v. 2. p. 52-62.

SODRÉ, Muniz. *Samba: o dono do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

STAM, Robert; SHOHAT, Ella. *Estereótipo, realismo e luta por representação e etnicidades em relação*. São Paulo: Cosac e Naify 2006.

TEIXEIRA, M. de P.; BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA, Sonoê. Além do preconceito de marca e de origem: a motivação política como critério emergente para classificação racial. In: PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lucia (Orgs.). *Características étnico-raciais da população: classificações e identidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 99-121. (Série Estudos e Análises – Informação Demográfica e Socioeconômica, 2).

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Diversidade étnico-racial: por uma prática pedagógica na educação infantil. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: CEERT, 2012. p. 120-137.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *Aventura antropológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978. p. 36-46.

WIEVIORKA, Michel. *O racismo: uma introdução*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ZIRALDO. *Menino marrom*. [S.l.]: Melhoramentos, 1986.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Neste apêndice, apresento o roteiro de entrevista utilizado na pesquisa, a partir do qual retirei as citações de falas de duas docentes, cinco auxiliares de creche, a diretora e dez responsáveis das crianças que permaneceram na creche.

1. Por que é importante gostarmos do aspecto dos nossos cabelos?
2. Em sua opinião, quais os cabelos mais fáceis de lidar e os mais difíceis? Por que esses são os mais difíceis?
3. Os seus cabelos já sofreram intervenções químicas? Quando começaram tais intervenções? E quais foram os motivos?
4. A “química” (técnicas de alisamento de cabelos crespos) é importante na vida da mulher negra? Por quê?
5. É importante que as crianças da creche tenham intervenções químicas no cabelo precocemente? E bebês?
6. As crianças negras da creche recebem mais cuidados dos pais do que as crianças brancas? Por que esses cuidados são diferenciados?
7. Quais os tipos de cabelos que vocês consideram mais bonitos entre as crianças? Há, em sua opinião, essa distinção sobre cabelos bonitos ou feios na infância da creche?
8. As crianças negras se veem representadas na sala do berçário através de imagens, livros, brinquedos e até mesmo através da equipe escolar?
9. Por que você acha importante ressaltar a beleza de todas as crianças?
10. Como educadoras do berçário, vocês entendem suas ações de cuidado como algo que exerce influência sobre os bebês?
11. Quais ações você considera importantes para o combate ao racismo na escola?
12. Um autor que se chama Ricardo Henriques escreveu um livro chamado “Raça e gênero no sistema de ensino”. Nesse livro, ele concluiu que as crianças negras que frequentam a educação infantil têm mais chances de progredir no sistema escolar. Você concorda com a afirmação dele?
13. Qual a criança mais bonita da sala na sua opinião? E qual a mais fácil de cuidar?
14. Que procedimentos deveriam ser tomados para a construção de uma educação antirracista?

15. Que tratamentos você acha adequados para os cabelos cacheados?
16. Que tipo de cabelo você prefere cuidar, liso ou crespo? Para cuidar na creche é melhor o cabelo liso ou cabelo crespo?
17. Você acha que a cor tem importância na vida de uma pessoa?
18. Qual a importância da educação infantil na vida da criança? E o que você espera da creche?